

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 241	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	1 DE SETEMBRO 1885	LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—\$—	—\$—		Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Extrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Está finalmente satisfeita a anciedade curiosa do publico.

A *Velhice do Padre Eterno* está já á venda em todas as livrarias de Portugal, e creio que não ha banca de trabalho de homem que saiba ler e que se importe, medianamente que seja, com coisas lit-

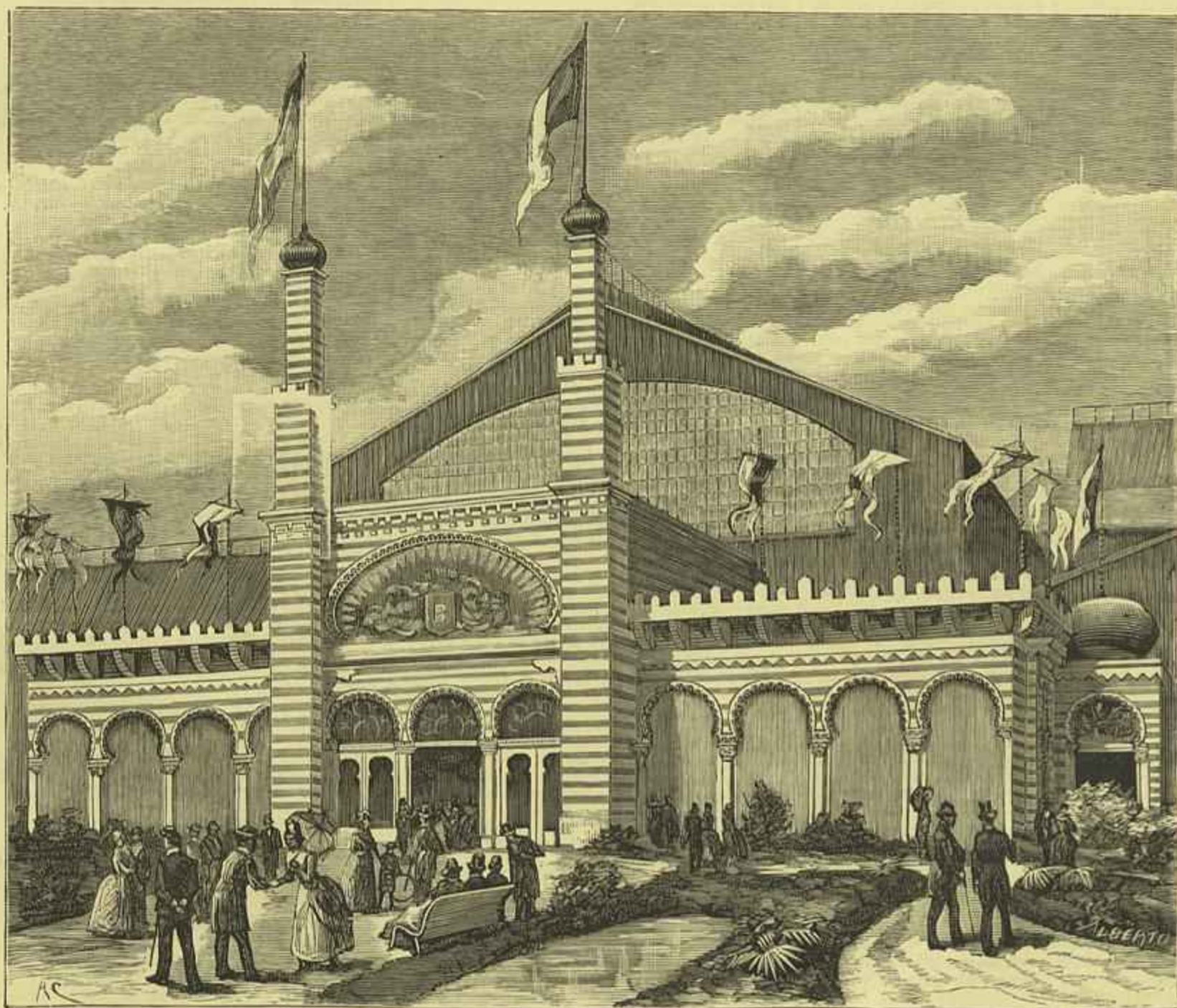
terarias, em que o livro de Guerra Junqueiro não esteja já, muito folheado, muito lido, muito annotado, tendo servido já de texto para violentas discussões, para ardentes censuras e para entusiasticas defezas.

A *Velhice do Padre Eterno* é essencialmente um livro de aggressão, uma aggressão terrivel, herculea, brutal, que não admite indifferentes.

Quem o ler, ou ha de ser por elle ou contra elle.

Não é livro que depois de folheado se feche serenamente e se atire negligentemente para um canto sem mais pensar em tal.

E se não, ouçam-se ahi nos cavacos das lojas, nas conversas dos gremios, nos dialogos das salas, a bulha que a *Velhice do Padre Eterno* está fazendo, as discussões vehementes que levanta, os inimigos ferozes que provoca, as sympathias apaiunadas que inspira.



EXPOSIÇÃO DE ANVERS — PAVILHÃO PORTUGUEZ DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA (Segundo uma photographia)

O tom geral do livro é de uma audacia desusada; a indignação e a sátira teem um desbragamento masculino a que não se está habituado, e d'ahi uma sensação profunda e immediata em todos que pela primeira vez folheiam a *Velhice do Padre Eterno*.

E essas ousadias de linguagem e de idea exasperam uns, delicias outros.

Os religiosos, os fanaticos, os clericos, urram ao ler aquella poesia brutal e estranha, que não recua diante de nenhuma inconveniencia para seguir o seu caminho, para attingir o seu fim, e clamam indignados contra a liberdade de imprensa, e pedem para a *Velhice do Padre Eterno* a prohibição da policia, e para Guerra Junqueiro a prisão correccional, já que não podem decentemente pedir para ambos uma fogueirinha na praça de D. Pedro IV.

Esse enxame de livre-pensadores imberbes que andam por ahi dizendo baboseiras pelos botequins e apanhando raposas nos lyceus; esses atheus de mama, que envolvem no mesmo odio rancoroso Deus e o sr. Epiphanyo, o Padre Eterno e o padre Simões; esses devoram o novo livro do auctor da *Morte de D. João* triumphantemente como o seu evangelho, e querem por força que toda a gente se curve ante o papa Junqueiro e que o vaticano se mude de Roma para Vianna do Castello.

E uns e outros não comprehendem o livro do grande poeta: apanham o sentido parcial de uma ironia solta, de uma apostrophe isolada, e deixam fugir o sentido profundamente philosophico que resplandece da collectividade de todas as formosas poesias que constituem a *Velhice do Padre Eterno*; uns indignam-se contra os ataques violentos, as aggressões grosseiras, os chasques impios que em todo o livro se dirigem a Deus; outros apaixonam-se por essas impiedades brutaeas, por esse atheismo dissolvente: e nem uns nem outros comprehendem que o Deus a quem o poeta vibra os seus golpes acerados é o Deus de Roma, é o Deus da lenda clerical, é o Deus feito pelo homem, ao passo que tudo o que ha de mais santo, de mais grandioso, de mais levantado, na sua alma e na sua poesia canta hosannas triumphaes ao Deus ideal, ao Deus eterno, ao Deus omnipotente, que não é forjado pelos homens, mas resplandece no fundo da grande alma humana:

O' crentes como vós, no intimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é immortal.

Não é nosso intento, nem seria aqui o lugar, de fazer a critica do novo livro. Alem d'isso o proprio poeta declara n'uma nota no fim do livro que a critica só poderá julgar inteiramente a *Velhice do Padre Eterno* quando reunidos os dois volumes que a completam, o primeiro, que temos a nosso lado, e o segundo, que está já no prelo: o primeiro, que é a sátira, e o segundo, que é a epopeia.

O successo do livro de Junqueiro tem sido enorme e excepcional, e comprehende-se, porque enorme e excepcional é tambem o talento que o concebeu e executou.

Contra a expectativa de toda a gente, a *Velhice do Padre Eterno* não é um poema, é um *recueil* de varias poesias, que isoladas formam individualmente corpos separados, mas que juntas teem todas a mesma significação, obedecem ao mesmo principio e attingem o mesmo fim: «50 poesias, 50 balas que, partindo de diversos pontos, vão bater no mesmo alvo», como diz o proprio auctor.

Entre as poesias que constituem o primeiro volume da *Velhice do Padre Eterno* já publicadas, como por exemplo o *Melro* e a *Benção da locomotiva*, ha outras que, apesar de ineditas, já conheciamos, como o *Baptismo* e a *Circular*, duas obras primas em que já falámos aqui mesmo aos nossos leitores ha tres annos, quando escrevemos umas chronicas no Bom Jesus do Monte, onde Junqueiro nol-as recitou n'uma noite esplendida de luar, que valia de certo muito mais que toda a luz electrica que está agora illuminando a velha estatua do legendario Longuinhos.

A *Velhice do Padre Eterno*, embora a critica definitiva não possa ainda sobre ella dizer a sua ultima palavra, é uma obra poderosa, um trabalho possante do espirito humano que veio já occupar lugar notavel entre as obras primas da nossa litteratura e que em toda a parte será uma grande obra.

N'outro lugar damos hoje no OCCIDENTE uns trechos d'esse livro notavel, que não precisava do escandalo que está produzindo para ter um successo extraordinario.

Um d'esses trechos é a primeira poesia, *Aos simples*, em que ha versos dos mais primorosos que se teem escripto em lingua portugueza. Outro, é o sonho do abbaide, uma parte da *Sesta do sr. ab-*

bade, que é um primor de acerada critica e de graciosa forma litteraria.

A *Velhice do Padre Eterno* é dedicada á memoria querida de Guilherme de Azevedo e offerida a Eça de Queiroz.

Preoccupou durante alguns dias a attenção dos portuguezes um conflicto muito grave que esteve imminente entre a Hespanha e a Allemanha.

A Allemanha quiz tomar posse das ilhas Carolinas: a Hespanha toda inteira, com uma energia patriótica que lhe faz honra, protestou violentamente contra a pretensão germanica, tão violentamente, que o chancellor do imperio se curvou diante da indignação sacratissima do povo hespanhol.

A questão era tão séria, tão séria, que por isso mesmo nos pareceu logo, sem nos querermos dar arde de ver muito longe em politica estrangeira, que a cousa não iria por diante.

E effectivamente não foi.
Depois de um *meeting* imponente realizado no Prado, depois da attitude viril de todo o paiz, a questão entrou nos domínios da diplomacia e perdeu portanto o seu character gravissimo.

Tout est bien ce qui finit bien,

Vamos entrar no mez de setembro, e portanto na nova epocha theatral.

A epocha passada foi para todos os theatros pouco prospera, o que nos dá a esperanza de que se este anno não for mais prospera para as empresas, será pelo menos mais agradável para o publico.

Os prejuizos do anno passado devem ter obrigado decerto os empregarios a cuidar muito mais dos seus repertorios.

A Empresa de D. Maria, por exemplo, tem-se preparado com mais escrupulo para a campanha theatral, do que nos annos anteriores, e no repertorio que já tem delineado, figuram peças importantes, trabalhos de primeira ordem como o *Hamlet*, o *Alfageme de Santarem*, o *Severo Torelli*.

Além d'isso a Empresa reconsiderou, e parece-nos que fez muito bem, emquanto á sua medida do anno passado da suppressão da orchestra.

Quando por esse tempo se ventillou na imprensa a questão das orchestras nos theatros de declamação, nós demos aqui minuciosamente a nossa opinião a esse respeito.

Vemos agora que a Empresa de D. Maria, reconsiderando, vem reforçar a nossa opinião, seguindo-a á risca.

Dissemos nós que as orchestras como estão montadas e fazendo o serviço que fazem, não tem significação nem importancia alguma nos nossos theatros, a não ser a de lhes tirar a nota triste e pesada que a falta de musica dá sempre a um espectáculo theatral.

Parecia-nos que o papel destinado ás orchestras nos theatros de declamação deveria ser inteiramente outro: e em vez de tocar uma walsa qualquer desafinada antes do panno subir, deveria preencher os intervallos, executando um repertorio bem escolhido de concerto, formando assim como que um segundo espectáculo, para entreter os espectadores, e sobre tudo as espectadoras, essas verdadeiras victimas da tristeza sem-saborona dos entre-actos dos theatros de declamação.

Pois com muito prazer nosso, soubemos que é exactamente isto que a Empresa de D. Maria vae fazer este anno no seu theatro, e que tem já contractado para esses concertos um pequeno grupo de artistas distinctos, que garantem a boa execução dos seus programmas.

E feito isto n'um theatro, estamos certos que todos os outros seguirão o bom exemplo, o que será uma felicidade para o publico que poderá passar os intervallos divertidamente sem ter que se resfriar pelos corredores, ou de dormir a somno solto nas cadeiras, e para os artistas, que poderão caracterizar-se á vontade, sem ter a apressal-os a pateada impaciente dos espectadores secados e aborrecidos.

Assim seja.

Gervasio Lobato.

AOS SIMPLES

Ó almas que viveis puras, immaculadas
Na torre de luar da graça e da illusão,
Vós que inda conservaes, intactas, perfumadas,
As rosas para nós ha tanto desfolhadas
Na aridez sepulchral do nosso coração;
Almas, filhas da luz das manhãs harmoniosas,
Da luz que acorda o berço e que entreabre as rosas,
Da luz, olhar de Deus, da luz, benção d'amor,

Que faz rir um nectario ao pé de cada abelha,
E faz cantar um ninho ao pé de cada flor;
Almas, onde resplende, almas onde se espelha
A candura innocente e a bondade christã,
Como n'um céu d'Abril o arco da alliança,
Como n'um lago azul a estrella da manhã;
Almas, urnas de fé, de caridade, e esp'rança,
Vasos d'oiro contendo aberto um lirio santo,
Um lirio immorredoiro, um lirio alabastrino,
Que os anjos do Senhor vem orvalhar com pranto,
E a piedade florir com seu clarão divino;
Almas que atravessaes o lodo da existencia,
Este lodo perverso, iniquo, envenenado,
Levando sobre a fronte o esplendor da innocencia,
Calcando sob os pés o dragão do pecado;
Bemditas sejaes, vós, almas que est'alma adora,
Almas cheias de paz, humildade e alegria,
Para quem a consciencia é o sol de toda a hora,
Para quem a virtude é o pão de cada dia!
Sois como a luz que doira as trevas d'um monturo,
Ficando sempre branca a sorrir e a cantar;
E tudo quanto em mim ha de bello ou de puro,
— Desde a esmola que eu dou á prece que eu mur-

muro —
É vosso: fostes vós o meu primeiro altar.
Lá da minha distante e encantadora infancia,
D'esse ninho d'amor e saudade sem fim,
Chega-me ainda a vossa angelica fragrança
Como uma harpa eolia a cantar a distancia,
Como um veu branco ao longe inda a acenar por mim!

Minha mãe, minha mãe! ai que saudade immensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Cahia mansa a noite; e andorinhas aos pares
Cruzavam-se voando em torno dos seus lares,
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
Era a hora em que já sobre o feno das eiras
Dormia quieto e manso o impavido lebréu.
Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,
E a lua branca, além, por entre as oliveiras,
Como a alma d'um justo, ia em triumpho ao céu!...
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a lua subir, muda, alumando o espaço,
Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento
Que mandasse um allivio a cada soffrimento,
Que mandasse uma estrella a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todos pedia.
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,
Por todas as paixões e por todas as maguas...
Pelos miseros que entre os uivos das procellas
Vão em noite sem lua e n'um barco sem velas
Errantes atravez do turbilhão das aguas.
O meu coração puro, immaculado e santo
Ia ao throno de Deus pedir, como inda vae,
Para toda a nudez um panno do seu manto,
Para toda a miseria o orvalho do seu pranto
E para todo o crime o seu perdão de Pai!...

A minha mãe faltou-me era eu pequenino,
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto d'um leão um sorriso divino,
Como sobre uma forca um ramo d'oliveira!

O' crentes, como vós, no intimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é immortal.

Toda a alma é clarão e todo o corpo é lama.
Quando a lama apodrece inda o clarão scintilla:
Tirae o corpo — e fica uma lingua de chamma...
Tirae a alma — e resta um fragmento d'argila.

E para onde vae esse clarão? Mysterio...
Não sei... Mas sei que sempre ha-de arder e brilhar,
Quer tivesse incendiado o cráneo de Tiberio,
Quer tivesse aureolado a fronte a Joana Darc.

Sim, creio que depois do derradeiro somno
Ha-de haver uma treva e ha-de haver uma luz
Para o vicio que morre ovante sobre um throno,
Para o santo que expira inerte n'uma cruz.

Tenho uma crença firme, uma crença robusta
N'um Deus que ha-de guardar por sua propria mão
N'uma jaula de ferro a alma de Lucasta,
N'um relicario d'oiro a alma de Platão.

Mas tambem acredito, embora isso vos peze,
E me julgueis talvez o maior dos atheus,
Que no universo inteiro ha uma só diocese
É uma só cathedral com um só bispo — Deus.

E muito embora a vossa igreja contriste
E a excommunhão papal nos abraze e destrua,
A analyse é feroz como uma lança em riste
E a verdade cruel como uma espada nua.

Cultos, religiões, biblias, dogmas, assombros,
São como a cinza vã que sepultou Pompeia.
Exhumemos a fé d'esse montão de escombros,
Desentulhemos Deus d'essa aluvião de areia.

E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,
Ha-de fazer, na mesma aspiração reunida,
Da razão e da fé os dois olhos da alma,
Da verdade e da crença os dois polos da vida.

A crença é como o luar que nas trevas fluctua;
A razão é do céu o esplendido farol:
Para a noite da morte é que Deus nos deu luar...
Para o dia da vida é que Deus fez o sol.

Mas, ai eu compreendendo os martyrios secretos
Do pobre camponez, já quasi secular,
Que vê tombar por terra o seu ninho de affectos,
A casa onde nasceu seu pae, e onde os seus netos
Lhe fechariam, morto, o escurecido olhar.
Comprehendo o pavor e a lividez tremente
De quem em noite má, caliginosa e fria
Atravessa a montanha á luz d'um facho ardente
E uma rajada vem alucinadamente
Apagar-lh'o c'o'a aza athletica e sombria,
Deixando-o fulminado e quasi sem sentidos.
A ouvir o ulular das feras e os bramidos
Do cyclone que explue rouco do sorvedoiro
E se enrosca furioso aos platanos partidos.
A estrangulal-os, como uma giboia um toiro.
Comprehendo a agonia, o desespero insano
Do naufrago na rocha, entre o abysmo do oceano,
Vendo rolar, rugir os glaucos vagalhões
Como uma cordilheira herculea de montanhas,
Com jaulas colossaes de bronze nas entranhas,
E um domador lá dentro a chicotear trovões.

O vosso facho, o vosso abrigo, o vosso porto,
E um Deus que para nós ha muito que está morto,
E que inda imaginaes no entretanto immortal.
Vivei e adormecei n'essa crença illusoria,
Já não podeis transpôr os mil annos da historia
Que vão do vosso credo absurdo ao nosso ideal.
Vivei e adormecei n'essa illusão sagrada,
Fitando até morrer os olhos de Jesus,
Como o ephemero vão que dura um quasi nada,
Que nasce de manhã n'um raio d'alvorada,
E expira ao pôr do sol n'outro raio de luz,
Eu bem sei que essa crença ignorante e sincera,
Não é a que illumina as bandas do Porvir
Mas vós sois o Passado, e a crença é como a hera
Que sustenta e dá inda um tom de primavera
Aos velhos torreões gothicos a cahir.
Sim, essa crença é um erro, uma illusão, é certo;
Mas triste de quem vae pelo areal deserto
Vagabundo, esfaimado e nú como Caím,
Sem nunca ver ao longe os palacios radiantes
D'uma cidade d'oiro e marmore e diamantes
No chimerico azul d'essa amplidão sem fim!
Quem ha-de arrancar pois do seu piedoso engaste
O vosso ingenuo ideal, ó tremulos velhinhos,
Se a chimera é uma rosa e a existencia uma haste,
Rosa cheia d'aroma e haste cheia de espinhos!
Quem vos ha-de cortar a flor da vossa esp'rança,
Quem vos ha-de apagar a angelica visão,
Se essa luz para vós é como uma creança
Que guia n'uma estrada um cego pela mão!
Quem vos ha-de acordar d'esse sonho encantado? !
Quem vos ha-de mostrar a evidencia cruel? !
Ah! deixemos a ave ao ramo já quebrado,
E deixemos fazer ao enxame doirado
No tronco que está morto o seu favo de mel!
O' velhos aldeões, exhaustos de fadiga,
Que andaes de sol a sol na terra a mourejar,
Roubar-vos da vos'alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As tres achas que leva á noite para o lar!
Oh, não! guardae-a bem essa crença d'outr'ora;
É ella quem vos dá a paz benigna e santa,
Como a paz d'um vergel inundado d'aurora,
Onde o trabalho ri e onde a miseria canta.
Guardae-a sim, guardae! E quando a morte em breve
Vos entre na choupana esqualida e feroz,
A agonia será bem rapida e bem leve,
Porque um anjo de Deus mais alvo do que a neve
Ha-de estender sorrindo as azas sobre vós.
E vós conhecereis em seu olhar materno
Que é o anjo que emballou vosso somno infantil,
E que hoje vem do céu mandado pelo Eterno,
Para sorrir na morte ao vosso branco inverno,

Como sorriu no berço ao vosso claro Abril.
E ao pender-vos gelada a fronte alabastrina
Irá levar a Deus o vosso coração,
Tão manso e virginal, tão novo e tão perfeito,
Que Deus ha-de beijal-o e aquecel-o no peito,
Como se acaso fosse uma pomba divina,
Que viesse cahir-lhe exanime na mão!

A SESTA DO SENHOR ABBADE

Sonhou ver destilar, oh ventura illusoria!
Um prestito pagão, um cortejo de gloria,
A aclamal-o. Na frente uma vara sombria
De bacoros roncava em côro esta poesia:

Deus fez o porco para o frade.
Deus destinou-nos os presuntos
Para os seus untos,
Senhor abade.

Grunhamos, pois, grunhamos todos juntos:
Viva o abade! Viva o abade!!

Sucediam-se logo em manadas e em bando
Perdizes e perus e patos conclamando:

Patos, perus, gallinhas e perdizes
Somos felizes!
Oh, que ventura!

Como é doce morrer tendo a certeza
De bem assados em manteiga ingleza
Ir para a meza
Do senhor cura!

Oh, que ventura! oh, que ventura!...

N'um carro triumphal trovejava depois
Um tonel arrastado a cem juntas de bois:

O sonho, o canto e a dança
Vivem na minha pança.

Que trilogia!
Sonhar, dançar, cantar!
A tristeza morreu um bello dia
N'um lugar.

Vá, Padre-mestre, com bizzarria!
Cantaro á bocca, toca a virar!

Meu Padre-mestre, nunca o teu bico
Provou ainda vinho tão rico,
Sem confeição!
Vinho como este
Nunca o bebeste,
Não.

Vá Padre-mestre, põe-me um repuxo,
Muda-me todo para o teu buxo,
Meu tubarão!

Depois rolemos, ás gargalhadas,
Dando umbigadas,
Dando pançadas
No chão!...

Um gracioso tropel de donzellas formosas,
Frescas e virginaes como botões de rosas,
A saia curta, o rir brégeiro, o arzinho honesto,
Deixando vêr a perna e fantasiar o resto,
Vinha cantando atraz esta canção feliz,
Ao som de theorbas d'oiro e avénas pastoris:

Somos trezentas sessenta e seis,
Olhos maganos, boccas em flor...
Dignas de reis!

E vimos todas, senhor Prior,
Dar-vos aquillo que vós sabeis...
Somos trezentas sessenta e seis!
Um calendario d'anno bisexto,
Feito d'amor!

Livro novinho!... papel e texto!...
Abra-lhe as folhas sem medo ao sexto,
Abra-lhe as folhas, Padre Prior!

Caminhavam por fim, ronceiros, de vagar,
Os grandes carroções da Congrua e Pé de Altar,
Puxados a duas mil parelhas de jumentos,
Zurrando esta epopeia heroica aos quatro ventos:

Senhor Parocho, toda a freguezia,
Uns quatro mil onagros,
Muito magros

Vem trazer isto a Vossa Senhoria.
Desculpe, senhor Parocho, a ousadia...
A offerta é bem mesquinha, é desgraçada.
Uns oitocentos moios simplesmente
De milho, de feijão, trigo e cevada.
E nós sabemos que um tão mau presente
Para o seu dente.

Não chega a nada! não chega a nada!
Mas é boa a intenção:

Nós reservamos para si o pão,
E para nós a palha unicamente.
Dar ao senhor Prior
Miseria assim, é vergonhoso até...
Mas aceite este mimo sem valor...
Senhor Parocho aceite-o, por quem é!...
E agora, senhor Parocho, a sua benção,
Porque os onagros pensão
Que ella salva das chammas infernaes;
E em paga de tal dom, de tal carinho
Rogaremos ao céu pelo focinho
Lhe permitta engordar cada vez mais.
Boa pinga e bom porco alemtejanico,
E sempre nedio e alegre e satisfeito!...
Senhor Parocho, viva!... até p'ró anno...
Até p'ró anno... e muito bom proveito!...

Guerra Junqueiro.

Exposição da Sociedade de Geographia de Lisboa em Antuerpia

Vamos pelo seguro. Encostemo-nos aos documentos.

«Cada terra tem seu uso», diz o proloquio, e o uso da nossa, — uso antigo que vem já nas chronicas, — sente-se, vê-se, apalpa-se, em cada dia, a cada hora, a proposito de cada facto.

É dizer mal de tudo o que tem geito de esforço ou de gloria portugueza, e quando não ha remedio, a ter de dizer-se bem de alguma coisa que tenha este vicio de origem, attribui-a a um simples acaso, a uma circumstancia meramente fortuita, a uma colligação de boas fortunas inesperadas, a este, áquelle, a qualquer, com tanto que não seja precisamente a quem de direito pertence.

Ou então, a pécha, o fraco, o contra, o inconveniente que ha de sempre haver em todas as coisas d'este mundo; que ás vezes não se vê muito claramente, é certo; que nem sempre se apanha com muita facilidade, mas que para evitar incommodos de reflexão ou impertinencias de estudo, se *inventa*, geralmente, com toda a sem-ceremonia das consciencias espertas.

— Descem os fundos?

É claro, — e pouco importa que seja tambem imbecil: — São os melhoramentos do porto de Lisboa que fazem descer os fundos.

O que não é, evidentemente, é a diffamação do credito nacional, a intriga das bolsas, os desmandos da politica, o folheto que se diz de Anvers, e uma infinidade de coisas semelhantes.

Seria pueril suppol-o.

Nem mais nem menos do que pueril!

— Sobem os fundos?

Pensavam talvez os senhores que era porque subia o credito, porque se restabelecia a confiança, porque se dissipavam as apprehensões.

Ingenuos que são!

E apenas porque o capital portuguez, — um heroe em abnegações e sacrificios, como é vulgarismo que seja o capital, em toda a parte, facto que parece incrivel que não fosse indicado por Beau-lieu, — se poz a comprar fundos quando a mais gente se apressava em desfazer-se d'elles.

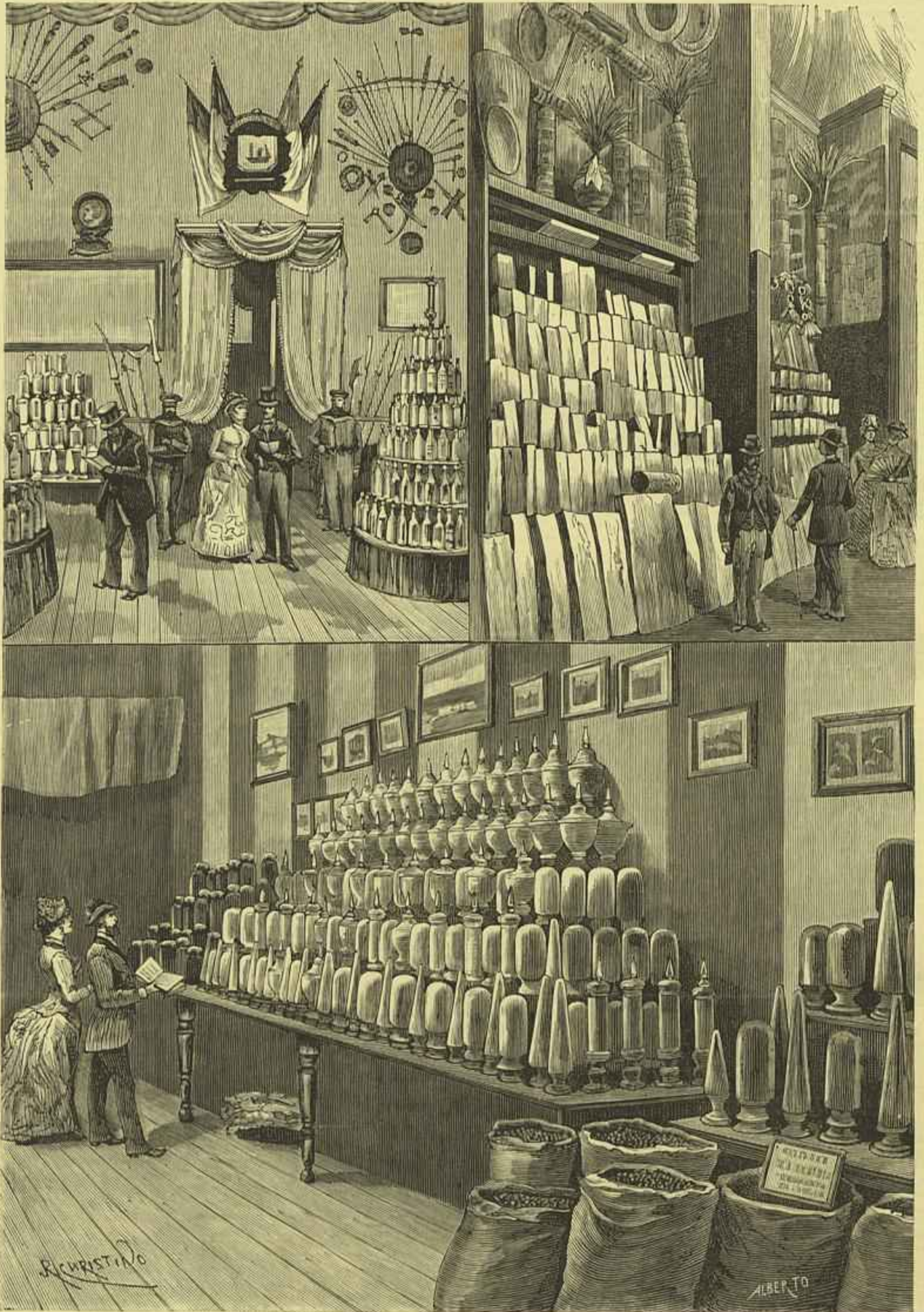
Nada mais evidente.

Algumas compras de dedicacão, e tambem um pouco de politica, explica tudo.

Já que falámos em politica: — façam favor de ver a questão do Zaire.

A Hespanha, sem conferencia de Berlim, sem os milhões do rei Leopoldo em guerra aberta com ella, sem uma mystificação habil e longamente organisa a embarçar-lhe os seus direitos, a calumniar-lhe as suas aptidões, a desvirtuar-lhe os seus propositos; a Hespanha, sem um certo numero de patriotas a enfraquecer os seus representantes e a dar razão e pretexto aos seus adversarios, a briosa e poderosa Hespanha assignou no anno passado um protocollo, — digna continuacão de outros, — pelo qual por pouco que não abdica inteiramente das suas pretencões e dos seus direitos nos mares e terras de Borneo e Jolo; — a Hespanha não conseguiu até hoje um reconhecimento de soberania sobre uma nesga de territorio africano que é seu; — a Hespanha sabe, quando menos suppunha que *podesse esperar-o*, — que um pavilhão estrangeiro se ergueu nas Carolinas.

Nós, porém, que obtivemos da Europa colligada para nos expoliar o reconhecimento do nosso dominio do Loge e de Cabinda ao Cacongo; nós, que, isolados, sosinhos, enfraquecidos, — e principalmente enfraquecidos por nossa propria culpa de seculos, — cedemos uma linha de territorio que nunca possuiramos de facto e accetámos certos principios que sempre promette-



EXPOSIÇÃO DE ANVERS — SALAS DA EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA (Segundo photographias)

A

VICTOR HUGO

EXCERPTOS DE VICTOR HUGO

COM

UM DESENHO E UMA CARTA AUTOGRAPHA DO MESMO AUCTOR



LISBOA

EMPRESA DO «OCCIDENTE»

LARGO DO POÇO NOVO

Entrada pela Travessa do Convento de Jesus, 4

1885



LISBOA—Typographia Elzeviriana



A VICTOR HUGO

O PREFACIO DO RUY-BLAS



Três especies de espectadores compõem o que se convencionou chamar — o publico: primeiro, as mulheres: depois os pensadores: por ultimo, a multidão propriamente dita. O que a multidão pede quasi exclusivamente á obra dramatica é a acção: o que as mulheres querem antes de tudo é a paixão: o que os pensadores mais especialmente procuram — é os caracteres.

Se se estudam attentamente estas tres classes de espectadores eis o que se nota: a multidão fascina-se tanto pela acção, que não faz caso das paixões nem dos caracteres. As mulheres, a quem a acção tambem interessa no fim de tudo, são tão absorvidas pela paixão, que se preocupam pouco com o desenho dos caracteres: quanto aos pensadores, tem um tal gosto por ver caracteres, isto é, homens vivem sobre a scena que, acolhendo a paixão como incidente natural na obra dramatica, chegam quasi a ser importunados pela acção. Isto vem de que a multidão pede principalmente sensações: as mulheres commoções, o pensador meditações: todos querem um prazer: aquelles o prazer dos olhos, estas o prazer do coração, os ultimos o prazer do espirito.

D'ahi tres especies d'obras bem distinctas: uma vulgar e inferior, as outras duas illustres e superiores, mas que todas tres satisfazem uma necessidade: o melodrama para a multidão; para as mulheres a tragedia que analysa a paixão: para os pensadores a comedia que pinta a humanidade.

Digamol-o de passagem, nós não pretendemos estabelecer aqui nada de rigoroso: e pedimos ao leitor que modifique a nossa idéa com as restricções que ella pode conter. As generalidades admittem sempre excepções: sabemos perfeitamente que a multidão é uma grande coisa na qual se encontra tudo: o instincto do bello e o gosto do mediocre, o amor do ideal e o appetite do trivial: sabemos tambem que todo o pensador completo deve ser mulher pela delicadeza do coração, e não ignoramos que, graças a essa lei mysteriosa que liga os sexos um ao outro, tanto pelo espirito como pelo corpo, muitas vezes n'uma mulher existe um pensador. Assente isto, e depois de termos novamente pedido aos nossos leitores que não dêem uma accepção muito absoluta ás palavras que temos ainda a dizer, continuamos.

Para todo o homem que lance um olhar serio sobre as tres especies de espectadores de que acabamos de fallar, é evidente que todos tres tem razão. As mulheres tem razão em querer

ser commovidas, os pensadores tem razão em querer ser instruidos, a multidão tem razão em querer ser divertida. D'esta evidencia deduz-se a lei do drama. Effectivamente, para lá d'essa barreira de fogo, que se chama a ribalta, e que separa o mundo real do mundo ideal, crear e fazer viver, nas condições combinadas da arte e da natureza, caracteres, isto é, e repetimol-o, homens: n'esses homens, n'esses caracteres por paixões que desenvolvam estes e modifiquem aquelles, e finalmente do choque d'esses caracteres e d'essas paixões com as grandes leis providenciaes fazer sahir a vida humana, isto é, os acontecimentos grandes, pequenos, dolorosos, comicos, terriveis, que contêm para o coração esse prazer que se chama interesse, e para o espirito essa paixão que se chama moral: tal é o fim do drama. Como se vê o drama prende-se com a tragedia pela pintura das paixões, e com a comedia pela pintura dos caracteres. O drama é a terceira grande forma da arte, comprehendendo, encerrando, e fecundando as duas primeiras.

Gorneille e Molière existiriam independentemente um do outro se Shakspeare não estivesse entre elles, dando a Gorneille a mão esquerda e a mão direita a Molière. D'este modo, as duas electricidades oppostas da comedia e da tragedia encontram-se, e a fuisca que d'esse encontro dardeja é o drama.

Explicando assim como as estende, e como as tem já indicado muitas vezes, o principio, a lei e o fim do drama, o auctor está longe de se dissimular a exiguidade das suas forças, e a insufficiencia do seu espirito. Define aqui não o que fez, mas o que quiz fazer. Mostra o que foi para elle o ponto de partida. Nada mais.

Temos poucas linhas a escrever no principio d'este livro, e falta-nos o espaço para o desenvolvimento necessario.

Que nos permittam pois de passar, sem nos demorarmos mais sobre a transição, das idéas geraes que acabamos de assentar, que, segundo nós — mantidas de resto todas as condições do ideal — regem toda a arte, a algumas das idéas particulares, que este drama, *Ruy-Blas*, pode despertar em espiritos attentos.

E primeiramente, para não encarar senão um dos lados da questão, sob o ponto de vista da philosophia da historia, qual é a significação d'este drama?

Expliquemo-nos.

No momento em que uma monarchia vae desabar, muitos phenomenos podem ser observados. Em primeiro lugar a nobreza tende a dissolver-se. Dissolvendo-se, divide-se, e eis de que modo:

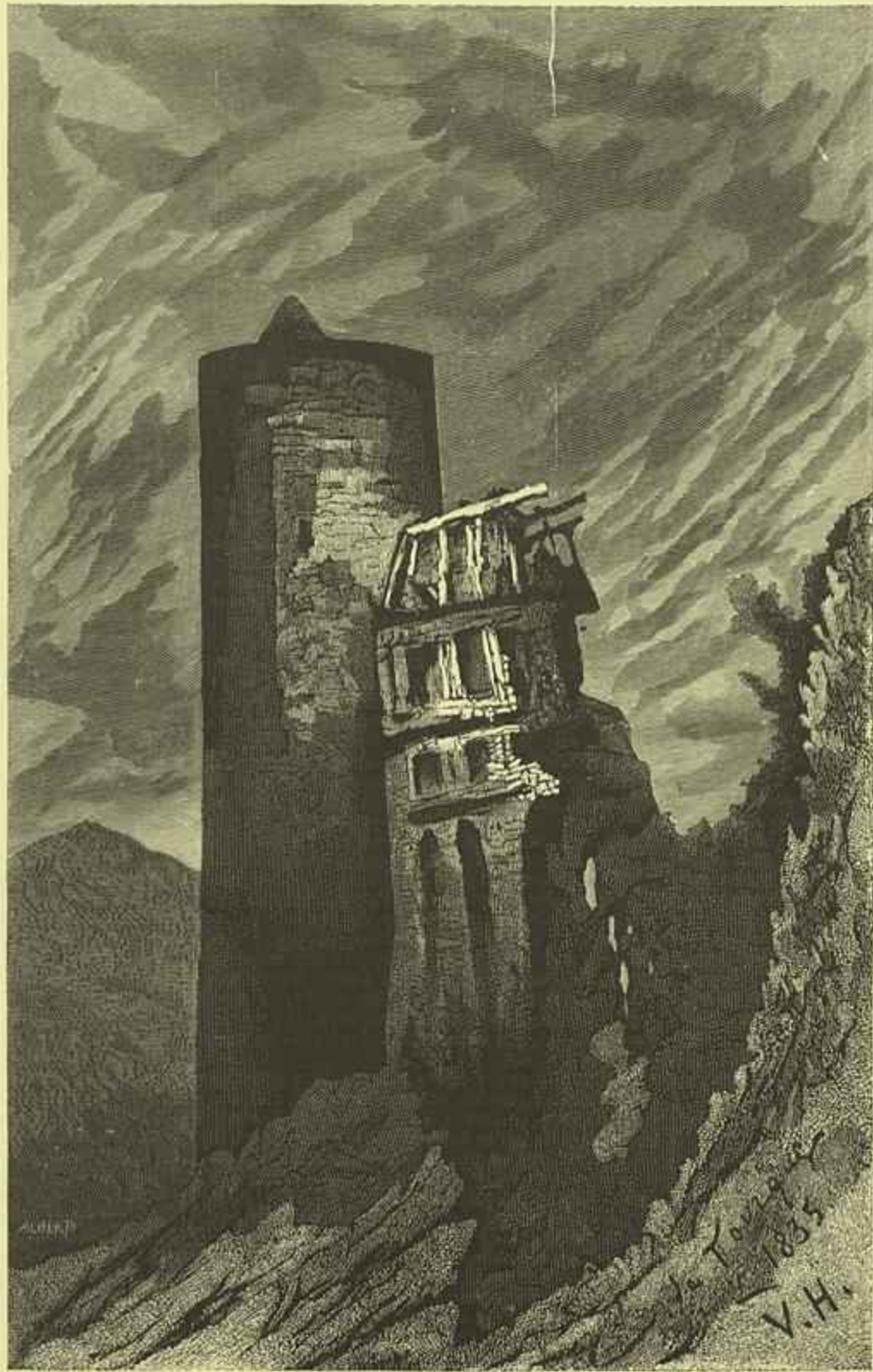
O reino estremece, a dynastia apaga-se, a lei c. he em ruina; a unidade politica despedaça-se ao contacto da intriga: o alto da sociedade abastarda-se e degenera: um mortal enfraquecimento faz-se sentir em todos; tanto fóra como dentro, as grandes coisas do Estado cahiram: só as pequenas ficam de pé; triste espectáculo publico: não ha

policia, não ha exercito, não ha finanças: cada qual adivinha que o fim está a chegar. D'ahi, em todos os espiritos, aborrecimento da vespera, medo d'amanhã: desconfiança de todos os homens: desanimo de todas as coisas: repugnancia profunda. Como a doença do Estado é na cabeça, a nobreza que está proximo d'ella, é a primeira a ser atacada. Que faz então? Uma parte dos fidalgos, a menos honrada e a menos generosa, deixa-se ficar na corte. Tudo vae desabar, o tempo urge, é preciso aviar, é preciso enriquecer, e aproveitar as circunstancias. Ninguem pensa senão em si. Cada um talha, sem dó pelo paiz, uma pequena fortuna particular n'um canto do grande infortunio publico. E-se cortesão, e-se ministro, apressa-se em se ser feliz e poderoso. Tem-se espirito, deprava-se, e consegue-se tudo. Ordens do Estado, dignidades, lugares, dinheiro, apanha-se tudo, quer-se tudo, rouba-se tudo. Não se vive senão pela ambição e pela cobiça. Escondem-se as desordens secretas engendradas pela enfermidade humana sob muita gravidade exterior. E como essa vida toda consagrada á vaidade e aos gosos do orgulho tem por primeira condição o esquecimento de todos os sentimentos naturaes, tornam-se ferozes. Quando o dia da desgraça chega, qualquer coisa de monstruoso se desenvolve no cortejo cahido, e o homem transforma-se em demonio.

O Estado desesperado do reino impalle a outra metade da nobreza, a melhor, a mais nobre, n'uma outra via. Essa vae para sua casa, recolhe-se aos seus palacios, aos seus castellos, aos seus dominios. Tem o horror aos negócios; nada pode, o fim do mundo aproxima-se: que fazer, e para que se apouquentar? É preciso distrair-se, fechar os olhos, viver, beber, amar, gosar.

Quem sabe? chegará a ter-se um anno deante de si? Dito isto, ou mesmo simplesmente sentido, o fidalgo toma a cousa ao vivo, reforma a sua libré, compra cavallos, enriquece mulheres, organisa festas, paga orgias, deita fóra, dá, vende, compra hypotheca, compromette, devora, entrega-se aos agiotas e lança fogo aos seus haveres. Uma bella manhã acontece-lhe uma desgraça. E que apesar da monarchia estar a cambalear, elle caiu antes d'ella. Tudo se acabou, tudo ardeu. De toda essa bella vida flamejante, nem sequer resta o fumo; desfez-se já. Cinza, nada mais. Esquecido e abandonado por todos, excepto pelos credores, o pobre fidalgo torna-se então o que pode, um pouco aventureiro, um pouco espadachim, um pouco bohemio.

Embrenha-se e desaparece na multidão, grande massa sombria e negra, que até então mal entravira de longe debaixo dos seus pés. Mergulha-se, refugia-se n'ella. Não tem já ouro, mas resta-lhe o sol, essa riqueza dos que não tem nada. Ao principio habitou no alto da sociedade, agora vem habitar em baixo, e accommoda-se como pode: zomba do seu parente o ambicioso, que é rico, que é poderoso: faz-se philosopho e compara os ladrões aos cortezaos. De resto, boa, valente, leal



UM DESENHO DE VICTOR HUGO — A TOURGUE

Hautville Rom. n

17 juillet

Q. m. noble lettre me fait
batter le cœur.

je serais la grande nouvelle;
il m'en doute d'en recueillir par
vous l'écho sympathique.

Non, il n'y a pas de petits
peuples.

il y a de petits hommes
héroïques!

Et quelquefois ce sont ceux
qui miment les grands peuples.

les peuples qui ont des
organs semblables à des lieux
qui auraient des habitants.

J'aime et je glorifie votre
beau et cher Portugal. et ce
libre, donc il est grand

le Portugal s'occupe d'abolir
la peine de mort.

à accomplir le progrès,
c'est faire le grand pas de
la civilisation.

Des angéliques dans le Portugal
on a le bon et l'européen.

Plus d'un y pas cette d'été,
Plus portugais, on a toujours
intelligent. Plus allé, ça avait
ouvert les yeux, l'union, l'indépendance
dans la vérité. Plus d'un y
principes, c'est plus bien
encore que se souvenir des
mœurs.

Je suis : Poète! au Portugal,
et à l'un. Boston!

Je pense à la cordiale main
Victor Hugo

e intelligente natureza: mixto de poeta, de mendigo, de príncipe; rindo de tudo; fazendo espantar a ronda pelos seus companheiros, como dantes mandava pelos seus lacaios, mas não lhe tocando nunca: aliando nos seus modos, a independência do marquez ao descaramento do zingaro: sujo por fóra, limpo por dentro, e não tendo já de fidalgo senão a sua honra que conserva, o seu nome que esconde, e a sua espada que mostra.

Se o duplo quadro que acabamos de traçar apparece na historia de todas as monarchias, n'um momento dado, apresenta-se particularmente em Hespanha, de um modo accentuado no fim do seculo xvii. Por isso se o auctor tivesse conseguido executar esta parte da sua idéa, o que está longe de suppôr, no drama que vai ler-se, a primeira metade da nobreza hespanhola d'essa epocha resumir-se-hia em D. Sallustio, a segunda metade em D. Cesar. Ambos primos, como convém.

Aqui, como em toda a parte, esboçando o perfil da nobreza castelhana em 1695, reservamos, bem entendido, as raras e veneráveis excepções.

Prosiguamos.

Continuando a examinar essa monarchia e essa epocha, para baixo da nobreza assim dividida, e que poderia até certo ponto ser personificada nos dois homens que acabamos de nomear, vê-se agitar uma coisa grandiosa, sombria e desconhecida. É o povo. O povo que tem o futuro e não tem o presente; o povo orphão, pobre, intelligente e forte; collocado muito baixo e aspirando muito alto: tendo nas costas os signaes de servidão e no coração as premeditações do genio: o povo, criado dos fidalgos, e namorado, na sua miséria e na sua abjecção, da unica figura, que, no meio d'essa sociedade desabada, representa para elle, n'um divino irradiamento, a auctoridade, a caridade, a fecundidade. O povo, seria Ruy Blas.

Agora, acima d'esses tres homens que, considerados assim, fariam viver e andar, aos olhos do espectador tres factos, e n'esses tres factos, toda a monarchia hespanhola no seculo xvii: acima d'esses tres homens, diziamos, ha uma pura e luminosa creatura, uma mulher, uma rainha. Infeliz como mulher, porque é como se não tivesse marido; infeliz como rainha, porque é como se não tivesse rei: debruçada para aquelles que estão abaixo d'ella, por piedade real e por instincto de mulher também talvez, e olhando para baixo emquanto Ruy Blas, o povo, olha para cima.

Aos olhos do auctor e sem prejuizo do que os personagens accessorios podem trazer para a verdade do conjuncto, estas quatro cabeças, assim agrupadas, resumiriam as principaes phases que offerencia ao olhar do philosopho historiador a monarchia hespanhola de ha 140 annos. A essas quatro cabeças poder-se-hia juntar uma quinta, a do rei Carlos II. Mas na historia como no drama, Carlos II de Hespanha não é uma figura, é uma sombra.

Agora, apressemos-nos em dizel-o, o que acaba de se ler não é a explicação do *Ruy Blas*. É simplesmente um dos seus aspectos. É a impressão particular que poderia deixar este drama, se valesse a pena ser estudado, ao espirito grave e consciencioso que o examinar, por exemplo, sob o ponto de vista da philosophia da historia.

Mas, por pouco que elle seja, este drama, como todas as coisas d'este mundo, tem muitos outros aspectos, e pode ser encarado de muitas outras maneiras. Podem-se tomar muitas vistas de uma idéa como de uma montanha. Isso depende do lugar que se escolhe. Consintam-nos, apenas para tornar clara a nossa idéa, uma comparação infinitamente muito ambiciosa: o monte Branco, visto da Croix-de-Flechères, não se parece com o monte Branco visto de Sallenches. E não obstante é o mesmo monte Branco.

Do mesmo modo, passando de uma grandissima coisa a uma coisa pequenissima, este drama, de que acabamos de indicar a significação historica, offerceria outro aspecto se o considerassemos de um ponto de vista muito mais elevado ainda, do ponto de vista puramente humano. Então D. Sallustio seria o egoismo absoluto; D. Cesar, seu contrario, seria o desinteresse e a despreocupação: vêr-se-hia em Ruy Blas o genio e a paixão comprimidos pela sociedade; elevando-se tanto mais alto, quanto a compressão é mais violenta: a rainha finalmente, seria a virtude minada pelo abortecimento.

Sob o ponto de vista unicamente litterario, o aspecto mudaria ainda. As tres fórmulas soberanas da arte poderiam ali apparecer personificadas e resumidas. D. Sallustio seria o drama, D. Cesar a comedia, Ruy Blas a tragedia. O drama ata a acção, a comedia embarça-a, a tragedia corta-a.

Todos estes aspectos são justos e verdadeiros, mas nenhum d'elles é completo. A verdade absoluta só está no conjuncto da obra. Que cada qual

encontre n'ella o que procura, e o poeta terá alcançado o seu fim. O assumpto philosophico do *Ruy Blas* é o povo aspirando ás regiões elevadas: o assumpto humano, é um homem que ama uma mulher, o assumpto dramático é um laço que ama a sua rainha. A multidão que se acotovelava todas as noites deante d'esta obra, porque em França a attenção publica nunca abandonou as tentativas do espirito, sejam ellas quaes forem, a multidão, diziamos, não vê no *Ruy Blas* senão este ultimo assumpto, o assumpto dramático, o laço: e tem razão.

E o que acabamos de dizer do *Ruy Blas* parece-nos evidente de qualquer outra obra. As obras veneráveis dos mestres tem mesmo de notavel o offerecerem mais faces a estudar que as outras. Tartufo faz rir uns e tremer outros. Tartufo é a serpente domestica, ou é o hypocrita: ou é a hypocrisia. Tão depressa é um homem, tão depressa uma idéa.

Othello, para uns é um negro que ama uma branca: para outros é um *parvenue* que desposa uma patricia: para estes é um ciumento, para aquelles é o crime. E esta diversidade de aspecto não tira nada á unidade fundamental da composição. Já o dissemos n'outra parte: — mil ramos e um tronco unico.

Se o auctor d'este livro tem particularmente insistido na significação historica de *Ruy Blas*, é que, na sua idéa, pela significação historica, e é verdade, pela significação historica unicamente, *Ruy Blas* prende-se ao *Hernani*. O grande facto da nobreza mostra-se n' *Hernani* como no *Ruy Blas*, ao lado do grande facto da realza. Sómente no *Hernani*, como a realza absoluta não está feita, a nobreza luta ainda contra o rei, aqui com o orgulho, alli com a espada: semi-feudal, semi-rebelde. Em 1510 o fidalgo vive longe da côrte, na montanha, bandido, como *Hernani*, ou patriarcha como Ruy Gomez. Duzentos annos mais tarde é o contrario. Os vassallos tornaram-se cortezaes. E se o fidalgo sente ainda a necessidade de occultar o seu nome, não é para escapar ao rei é para escapar aos credores. Não se faz bandido, faz-se bohemio. Sente-se que a realza absoluta passou durante longos annos sobre essas nobres cabeças, curvando uma, despedaçando outra.

E depois, que nos consintam estas ultimas palavras, entre *Hernani* e *Ruy Blas* estão enquadros dois seculos da Hespanha: dois grandes seculos, durante os quaes foi dado á descendencia de Carlos V dominar o mundo, e dois seculos que a Providencia, cois curiosa, não quiz augmentar de uma hora, pois Carlos V nasce em 1500 e Carlos II morre em 1700. Em 1700, Luiz XIV herdava de Carlos V como em 1800 Napoleão herdava de Luiz XIV. Estas grandes applicações de dynastias que illuminam por momentos a historia, são para o auctor um bello e melancolico espectáculo, em que os seus olhos se fixam a miudo. As vezes tenta transportar alguma coisa d'esse espectáculo para as suas obras. Por isso, quiz encher *Hernani* do irradiamento de uma aurora, e cobrir *Ruy Blas* com os tons de um crepusculo. No *Hernani* o sol da casa d'Austria ergue-se: no *Ruy Blas* some-se.

Paris, 25 de novembro de 1838.

VICTOR HUGO.

A SAGRAÇÃO DA MULHER

(VICTOR HUGO)

Fragmento

Eva mostrava ao ceu sua nudez sagrada;
Loura, admirava a irmã, a aurora cor de rosa.
Ó carne da mulher! argila ideal, formosa!
Santa penetração do espirito sublime
Que o omnipotente ser ao barro tosco imprime,
Materia onde a alma brilha através do sudario,
Lama que indica a mão do grande estatuário!
Lodo augusto que attrahe o beijo e o coração,
Tão santo que se ignora, é tal do amor a acção,
Por cingir este lodo a alma tanto ancia,
Se esta sensualidade acaso é uma idéa,
E se se pôde, quando a paixão está accessa,
Sem crer que a Deus se abraça, abraçar a belleza.

Eva deixava errar seus olhos scintillantes.

E sob as colossaes palmeiras verdejantes,
Por sobre a frente d'Eva e em torno dir-se-ia,
Que o cravo meditava, o lótó reflectia.
Se lembrava o myosote; as rosas tendo-a perto,
Procuravam-lhe os pés com o labio meio aberto.

Do roseo lyrio vinha um halito fraterno,
Como se fôsse ao lyrio igual este anjo terno,
Como se, cada flôr tendo uma alma qualquer,
Desabrochasse a mais esplendida em mulher!

Té este dia, pois, Adão era o esc lhido
Que no sagrado ceu primeiro tinha lido,
Era o esposo tranquillo e forte a quem a treva,
E os astros e a alvorada, a cuja luz viu Eva,
E as flôres do barranco e do bosque o animal
Veneravam como um irmão mais velho e ideal,
Como a fronte onde a luz mais alto fulgurava.
E quando um pela mão do outro divagava
Pela clara amplidão do Eden singular,
A natureza, sob o seu multiplo olhar,
Abrigava através da planta, do rochedo,
Da onda, amando o par, feliz desde tão cedo,
E o homem ser completo e augusto respeitando,
Eva que olhava, Adão que estava contemplando.

N'esse dia, porém, os olhos que o infinito
Abre aos milhares sob o azul do ceu bemdito,
Fixavam-se na terra esposa e não no esposo,
Como se n'este dia alegre e religioso,
Entre os dias bemdito, e puro entre as auroras,
As aves, chilreando entre as folhas sonoras,
A nuvem, ao regato, aos enxames variados,
Ao seixo, ao animal, a seres tão sagrados,
Multissimos dos quaes nos tempos já se somem,
Se mostrasse a mulher mais augusta que o homem!

Porque era esta eleição e este enternecimento
Enorme do profundo e santo firmamento?
Porque estava inclinado o infinito sobre um ser?
A aurora porque dava uma festa á mulher?
Porque era esta harmonia? Estas palpitações.
Porque tinham mais goso e mais irradiações?
Porque era esta embriaguez de ver a luz do dia?
Porque era o antro feliz quando á aurora se abria?
Porque tinha mais luz e aromas o universo?

O bello par ingenuo em sonho estava immerso.

E a ternura entretanto, inexprimível, suave,
Do astro, do lago azul, do val, do musgo, da ave,
Estremecia mais em torno d'Eva, a qual
Saudava embriagada a luz universal;
O mysterioso olhar da natureza em festa,
Da arvore, da onda e da virgem floresta,
Mais pensativo então, fitava d'ora em hora,
Esta mulher, de face augusta e encantadora;
Longo raio d'amor lhe vinha do infinito,
Das aves a gorgear, da flôr, do azul bemdito,
Das rochas colossaes, das vibrações do mar.

Pallida, Eva sentiu o ventre a palpar.

JAYME VICTOR.

A FORMAÇÃO DO PROGRESSO

(VICTOR HUGO)

Fragmento

..... Porém, o infinito que vê
O sitio onde remata a causa, e que não é
Senão uma elevada e lucida consciencia
Feita de immensidade e paz e paciencia,
Deixa, sabendo os fins e os meios que convem,
Muitas vezes o mal fazer-se com o bom.
Tal é a ordem profunda, obscura, magna, alvíva,
Que até no desmentido encontra a affirmativa.
Assim de Marco Aurelio o filho é um bandido
Foi assim que, hediondo, ante o homem surprehendido,
Com a permissão do ceu e com o Christo augusto,
Com a lei d'este santo e a morte d'este justo,
Com estes paternaes conselhos tão suaves;
— Da pão a quem tem fome, os outros não aggraves
Nem faças o que não quizeres que te façam —
Com esta lei na qual vida e perdão se enlaçam
Com dogmas ties, com tão santissimas idéas,
Loyola fabricou suas sombrias telas —
— Negra aanha a quem Deus dava para tecel-as
Os fios da alvorada e as raias das estrellas! —

JAYME VICTOR.

CASAMENTO DE QUASIMODO

(Notre-Dame de Paris)

Dissemos que Quasimodo tinha desaparecido
de Notre-Dame no dia da morte da Egypcia e do
arcediogo. Com effeito, nunca mais o viram, nem
se soube o que d'elle era feito.

Na noite seguinte ao supplicio da Esmeralda, os
executores de baixa justiça tiraram-lhe o corpo
da forca e, segundo o costume, levaram-n'o para
o subterraneo de Montfaucon.

Montfaucon era, como diz Sauval «a mais antiga e soberba força do reino». Entre os arrabaldes do Temple e de Saint-Martin, a cerca de cento e sessenta toezas das muralhas de Paris, a alguns tiros de béstia da Courtille, via-se no alto de uma eminência suave, insensível, bastante elevada que se avistasse de algumas leguas em redor, um edificio de forma estranha, que parecia um cromlech celtico, e onde tambem se faziam sacrificios humanos.

Imaginem, no cimo de um combro de barro, um grosso paralelepipedo d'alvenaria, com quinze pés de altura, trinta de largura, quarenta de comprimento, com uma porta, uma balaustrada exterior e uma plataforma; sobre essa plataforma dezesseis enormes pilares de pedra bruta, perfilados, com trinta pés de altura, dispostos em columnata em roda de tres dos quatro lados do massiço que os supporta, ligados entre si, por cima, por fortes vigas d'onde pendem cadeias de ferro de intervalo a intervalo; em todas essas cadeias, esqueletos; nos arredores, na planície, uma cruz de pedra e duas forcas de segunda ordem, que pareciam crescer de estaca em volta da força central; por cima de tudo isso, no ceu, uma revoada perpetua de corvos; ali está Montfaucon.

No fim do seculo xv, a formidável força, que datava de 1328, estava já muito decrepita; as vigas estavam carunchosas, as cadeias ferrujentas, os pilares verdes de bolor; o lagado estava todo fendido nas juncturas, e a herva crescia n'aquella plataforma, onde os pés não pousavam. Era um horrível perfil recortado no ceu, o d'esse monumento; á noite sobretudo, quando batia um ligeiro luar sobre os craneos brancos, ou quando o vento agreste agitava cadeias e esqueletos, e remexia tudo aquillo na sombra. Bastava aquella força alli levantada para tornar sinistras todas as cercanias.

O massiço de pedra que servia de base ao odioso edificio era occo. Havia lá um vasto subterraneo, fechado com uma velha grade de ferro desmantelada, onde se lançavam não sómente os restos humanos que se desatavam das cadeias de Montfaucon, mas ainda os corpos de todos os desgraçados executados nas outras forcas permanentes de Paris. N'esse profundo jazigo, onde tantas poeiras humanas e tantos crimes apodreceram juntos, foram successivamente depositados os ossos de muitos innocentes, desde Enguerrand de Marigni, que estreou Montfaucon, e era um justo, até ao almirante de Coligni, o ultimo lá enforcado, e que era um justo.

Quanto á mysteriosa desapareição de Quasimodo, eis tudo o que conseguimos descobrir.

Cerca de dois annos ou dezoito mezes depois dos acontecimentos que terminam esta historia, quando foram buscar ao subterraneo de Montfaucon o cadaver de Olivier Le Daim, que havia sido enforcado dois dias antes, e a quem Carlos VIII concedia a graça de ser enterrado em Saint-Laurent em melhor companhia, acharam entre todas as hediondas ossadas dois esqueletos, um dos quaes tinha o outro singularmente abraçado. Um d'esses dois esqueletos, que era de mulher, conservava ainda alguns farrapos de vestido, de um estofo que fóra branco, e via-se-lhe á roda do pescoço um collar de contas com um saquinho de seda ornado de missanga verde, que estava aberto e vazio. Estes objectos tinham tão pouco valor que o carasco, sem duvida, não os quizera. O outro, que se abraçava estreitamente a este, era um esqueleto de homem. Notou-se que tinha a columna vertebral torcida, a cabeça nas omoplatas, e uma perna mais curta do que a outra. Não tinha além d'isso nenhuma ruptura de vertebra na nuca, e evidentemente não fóra enforcado. O homem a quem havia pertencido tinha, pois, vindo ter alli, e lá morrerá. Quando quizeram desligal-o do esqueleto que abraçava, cahiu desfeito em pó.

VICTOR HUGO.

HERNANI

EXCERPTOS DO 2.º ACTO

SCENA II

DONA SOL

O salteador sois vós; sinto um vivo rubor tingir-me a face agora, e é só por vós, senhor. Roubar uma mulher á noite! que façanha para dar gloria e lustre ao monarcha da Hespanha! Vale cem vezes mais o meu Hernani, ó rei, se o nobre sangue azul de antiga e nobre grei a nobres corações só fosse concedido, elle seria rei, serieis vós bandido!

D. CARLOS

Mas senhora!...

DONA SOL

Esqueceis que eram condes meus paes?

D. CARLOS

Duqueza vos farei.

DONA SOL

Não vos envergonhaes?

Tenho nos meus brazões em nobreza orgulhosa muita para concubina e pouca para esposa,

D. CARLOS

Elevo-te a princeza.

DONA SOL

Á filha de um villão

ide levar, senhor, o futil coração.

Eu repillo indignada esse tom, que me infama, com o pudor da mulher e o pundonor da dama.

D. CARLOS

Dou-te com o meu amor o throno, a corôa e a mão. Vem que serás rainha, imperatriz.

DONA SOL

Não! não!

Mentira! e que o não fosse! hei-de-o dizer, alteza, inda que vos offenda esta rude franqueza: Antes quero viver com elle, com o meu rei, tendo por inimiga a sociedade e a lei, curtindo fome e sede, eternos peregrinos, enlaçando n'um só os nossos dois destinos, de Hernani partilhar a miseria e o terror do que o throno imperial do sacro imperador.

D. CARLOS

Ah! como elle é feliz!

DONA SOL

O que? pobre e proscripto!

D. CARLOS

Que importa, se possui esse amor infinito! Eu estou só, elle tem um anjo do Senhor... E odiais-me talvez?!

DONA SOL

Mas não vos tenho amor.

D. CARLOS

Vou castigar emfim teu desdem insolente. Hei-de arrastar-te e já, embora te violente. Falla o sob'rano agora, e por Deus quero ver, se não te has de curvar ao meu regio poder.

DONA SOL (caindo-lhe aos pés)

Senhor por compaixão! oh! meu Deus, Vossa Alteza é rei, pode escolher na côrte uma duqueza, formosa a mais não ser, que anhele com ardor poder lançar-lhe aos pés o seu radioso amor. E o meu proscripto é só! Sou a unica estrella no seu escuro ceu; vós tendes a Castella, e uma visão brilhante, a purpura imperial! E quereis arrançar, vós rico e poderoso, ao pobre, a luz do amor, a noiva, ao seu esposo!

D. CARLOS

Dou-te um dos reinos meus; vamos, escolhe, qual?

DONA SOL (erguendo-se e arrancando-lhe o punhal)

De tudo que me dás só quero este punhal. Agora nem um passo!

D. CARLOS (recuando)

Olá! gentil senhora!

Bem se vê que é rebelde o amante que ella adora!

DONA SOL

Morro se um passo dais, mas não sem vos matar! Hernani! Hernani! vem!

D. CARLOS

Não queres evitar a violencia? pois bem! tres homens dedicados do meu sequito vão suffocar esses brados.

HERNANI (apparecendo de subito)

E ainda esqueceis um!

SCENA III

HERNANI, D. SOL, D. CARLOS

HERNANI

Ah! podia-o jurar! que inda mais longe o iria o meu punhal buscar.

DONA SOL (correndo a elle)

Salva-me Hernani!

HERNANI

Então! Socega, anjo adorado!

D. CARLOS

Que faz n'esta cidade o meu sequito armado, Que assim deixa passar impune um salteador? D. Sancho, Monteruz!

HERNANI (ironico)

Pedi-lhes por favor que ficassem com os meus, gente um pouco violenta! Chamais embora os tres, que eu chamarei sessenta, valendo cada um por nós quatro; acho então que é melhor derimir entre nós a questão. Pois ousaveis tocar n'esta pura donzella? Era imprudente e vil, senhor rei de Castella e covarde tambem!

D. CARLOS

Dão lições de moral

os bandidos agora?

HERNANI

Insultais? fazeis mal

porque, se um rei me insulta e aviltar-me procura, a ira que me invade ergue-me á sua altura. E costuma temer quem me ousa affrontar, mais que a sanha de um rei, a chamma d'este olhar! Se tens alguma esperanza é louca e enganadora. Sabes quem te subjuga e te domina agora? Teu pai matou o meu ás mãos de um vil sayão. Odeio-te! Roubaste os meus bens, meu braço. Odeio-te! E inda vens com amor de precito requestar quem eu amo? Odeio-te, maldito!

D. CARLOS

Estimo.

HERNANI

Hoje porém nem pensava em rancor. Tinha só um desejo, um intento, um ardor! ver, amar Dona Sol! Corria apressurado e encontro-te a intentar um crime negregado. Venstu mesmo encontrar-me, e eu nem pensava em ti! Rematada loucura! Agora estás aqui, perdido, preso, só de inimigos no meio! Qué has-de fazer, responde?

D. CARLOS

Interrogais-me, creio!

HERNANI

Vai-te immolar sem dô meu braço vingador. Vamos, em guarda!

D. CARLOS

Não! sou teu rei, teu senhor! Mata, em duello não!

HERNANI

Inda hontem se cruzavam esse teu ferro e o meu.

D. CARLOS

Na sombra se occultavam de ambos o nome e a classe. Hoje não é assim. Não podes desafiá-me, assassinar-me sim.

HERNANI

Tu julgarás que um rei é para mim sagrado. Vá defendes-te, ou não?

D. CARLOS

Serei assassinado.

Por acaso pensais, bandidos vis, reveis, que podeis affrontar impunemente as leis, que manchados de sangue e crimes odiosos, ousareis afinal fazer de generosos, e que nós, com o tinir das espadas leaes, vos iremos honrar o ferro dos punhaes. Não, não! o crime e a força eis os vossos destinos! Dizeis-vos, campeões! mentis, sois assassinos.

HERNANI (quebrando a espada)

Vai-te! havemos de ter um encontro melhor, vai-te, depressa e já.

D. CARLOS

Repara bem, senhor
que vou entrar no paço, e tenho decidido
pôr a preço a cabeça altiva do bandido
que me ousou affrontar.

HERNANI

Já está

D. CARLOS

Como a traidor
vos persigo sem treguas em meus reinos.

HERNANI

Senhor
a França felizmente é bem perto da Hespanha,
tenho a Europa!

D. CARLOS

E eu vou ter o imperio da Allemanha
e a Europa dominar.

HERNANI

Embora! vaguearei
pelo resto da terra, affrontando a tua lei.
Do mundo a vastidão refugios me assegura.

D. CARLOS

E se o mundo eu tiver?

HERNANI

Terei a sepultura.

D. CARLOS

Que orgulho! que altivez! Que modos de dizer!
Faz rir o salteador!

HERNANI

Estás inda em meu poder!
Vê bem, Cesar futuro, imperador provavel
que estás fechado aqui, mesquinho e miseravel,
e que, se acaso aperto esta mão bem leal,
posso esmagar-te no ovo a aguia imperial.

D. CARLOS

Esmaga!

HERNANI (pondo-lhe a sua capa aos
lombros)

Vai-te, e leva este manto. Podia,
se te visse, um dos meus punir-te a tyrannia.

D. CARLOS

Hoje falais-me assim. Em propicia occasião
escusaes de invocar misericordia ou perdão.

IV ACTO

O MONOLOGO DE CARLOS V

Carlos Magno, perdão! Na solitaria crypta
só grave e austera voz pôde fazer-se ouvir.
Das nossas ambições a tormenta maldita
vem perturbar talvez teu sereno dormir.
— Ah! como é bello vér da Europa o immenso mappa
como elle o desenhou com a sua forte mão!
Sobrancellos aos reis o imperador e o papa
devendo ao voto a thiara e o diadema á eleição.
Reinos, ducados, tudo é sempre hereditario,
no sangue se transmite a nobreza feudal;
mas são do povo um papa, e occupa o sanctuario,
um eleito é que ascende ao throno imperial.
Daqui são o equilibrio, a lei que rege a historia.
Eleitores do Imperio, altivos cardeaes,
vestidos de oiro e purp'ra, inchados de vangloria,
cump'ris, sem o saber, designios immortaes,
Nasce uma idéa um dia, e germina e floresce,
humanar-se consegue em mil encarnações,
abre caminho, vae, surge, desaparece,
amordaçam-n'a os reis, dão-lhe escarneo e baldões...
a escrava entra porém na dieta orgulhosa,
no conclave sagrado, e os reis curvos ao chão,
vêem surgir emfim a idéa victoriosa,
de thiara na frente, ou com o globo na mão.
O papa e o imperador são tudo. Sobre a terra
imperam triumphaes, dictando ao mundo as leis.
E o ceu, que n'elles dois fundos mysterios encerra,
dá-lhes amplo festim de povos e de reis.
Por baixo tumultua uma vasta hierarchia,
mas ao mando supremo elles dois só teem jus.
Um deslga, outro corta, e por sabia harmonia,
um tem a força e a espada, outro a verdade e a cruz.
Por isso, quando os vê sair do sanctuario,
o povo deslumbrado exclama com terror:
«Ou purpura trajando, ou o branco sudario,
são metades de Deus, papa e imperador!»
Imperador! se o sou! mas se o não sou! Inferno!
sentindo a mente a arder na altiva aspiração!
Feliz esse que dorme aqui o somno eterno!...
Ah! no seu tempo sim! Era-se grande então!
Oh! que destino o seu!... mas uma campã o encerra!

O que! tão pouco vale um imperador e um rei!
Go'a magestade augusta assoberbar a terra!
Ter sido o gladio, o sceptro, a sob'rania, a lei!
Por pedestal ter sido a Germania fremente!
A historia, ó Alexandre, equiparal-o a ti!...
Chamar-se Carlos Magno, o Cesar do Occidente!
Grande como o universo!... e caber tudo aqui!...
Ah! cubiaes o imperio! a vasta monarchia!
Domine a immensa mole a vossa estatua só!
E vinde vér depois na cathedral sombria
quanto dá um monarcha em atomos de pó!...

Mas que importa! Sonhei subir a enorme altura,
vér por baixo de mim, em confusa espiral,
o congresso dos reis, a sacra prelatura,
doges, condes, barões, o mundo imperial,
soldados, clerezia, ao fundo a turba immensa
dos homens em tropel, vasto e revoltoso mar,
d'onde ouvimos sair, por entre a sombra densa,
prantos, um riso amargo, um longo soluçar;
mar, espelho de reis, que só verdade estampa!
vaga irrequieta logo ao mais leve bulir!
onda que esmaga um throno e que embala uma campã
que tem da pomba o arrulho e do tigre o bramir!
Se a vista perscrutasse o torvo abysmo ingente,
veria imperios mil, naufragados baixos,
que a onda popular rola continuamente,
do fluxo e do refluxo obedecendo ás leis.
Em tudo isto imperar! O abysmo infunde medo!
desatar do governo o complicado nó!
De ser grande no mundo o magico segredo
quem m'o saberá dar?

Ajoelha deante do tumulo

Carlos Magno, tu só!
Ah! se Deus poz aqui a minha magestade
face a face com a tua, augusto imperador,
ensina-me de tudo a intima verdade
solta da tua campã o verbo inspirador!

Que deixaste de grande a fazer na Allemanha?
Falla, sombra cesarea, espectro imperial,
embora o bafejar da tua voz estranha
me espelace na frente a porta sepulchral!
Ou deixa que eu estude, em teu somno profundo,
o cerebro que encheu tua immortal razão.

O teu nada é o que ha mais grandioso no mundo;
na cinza, em vez da sombra, encontro a inspiração.

Approxima a chave da fechadura... Recuando

Ceus se o vou encontrar na funebre jazida
livido a passeiar com passos espectralaes!
Se vou sair d'alli com a frente encanecida!

Rumor de passos

Oico passos! Quem é? Quem ousa a horas taes
tal morto perturbar?

O rumor approxima-se

Ah! os meus assassinos!

Tradução de PINHEIRO CHAGAS.

A ABOLIÇÃO DA PENA DE MORTE EM PORTUGAL

Uma carta autographa de Victor Hugo

Dos escriptores portuguezes, ao que nos consta,
o que recebeu, e possui, maior numero de cartas
autographas, algumas extensas, do egregio escri-
ptor e poeta da França, Victor Hugo, gloria do se-
culo xix, é o nosso collaborador e amigo, sr. Brito
Aranha.

Recorremos a elle, para que nos confiasse um
d'esses preciosos autographos, com o intuito de o
deixarmos reproduzido nas paginas do OCCIDENTE,
como um novo preito da nossa homenagem ao
immortal auctor dos *Miseráveis*. Tivemos em
nossa mão todas as cartas endereçadas ao nosso
collega, e, de entre ellas, poderíamos escolher
alguma inteiramente inedita; mas, por ser em ex-
tremo lisongeira para o possuidor, não julgou elle
dever conceder-nos a auctorisação pedida, para
que alguém não inferisse que obedecia a um sen-
timento de pueril vaidade.

Assim, em obediência ao preceito do nosso col-
lega, a escolha recaiu na carta, sobejamente co-
nhecida e divulgada, que tem o merito de referir-se
a um assumpto, em que Portugal abriu maior ver-
reda nas conquistas da liberdade e da civilização,
adecantando-se ás nações mais cultas da Europa —
a abolição da pena de morte!

E a resposta, que Victor Hugo deu ao sr. Brito
Aranha, quando este lhe communicou eloquente-
mente, em 27 de junho de 1867, que o parlamento
portuguez votára emfim a abolição da pena de
morte, um dos artigos da grandiosa propaganda a
que se dedicára o egregio poeta.

Tanto a carta, como a resposta, datada de Hau-
teville-House a 15 de julho do mesmo anno, foram
seguidamente publicadas em diferentes jornaes
belgas, francezes, italianos, americanos (do sul e
norte); e na maior parte das folhas portuguezas.
A publicidade, em milhares e milhares de exem-
plares, e em varios idiomas, correspondeu, em o
nosso entender, á importancia e grandeza do fac-
to, e foi decerto summamente honroso para a
nação.

Eis a razão por que, de accordo com o possui-
dor, preferimos esta carta a qualquer outra, que,
posto não encerre segredo de nenhuma especie,
pois todas são de caracter litterario, offendia a mo-
destia do nosso amigo e collega.

A versão da que reproduzimos é a seguinte:

(Ao sr. Pedro de Brito Aranha).

Hauteville-House, 15 de julho.

A vossa nobre carta fez-me pulsar o coração.
Sabia a grande noticia; mas foi-me agradavel
receber-a de vós como um eco sympathico.
Não existem nações pequenas. Mas, sem duvi-
da, pequenos homens! E ás vezes são estes os que
dirigem e guiam os grandes povos.

Os povos, que tem despotas, assimelham-se aos
livros que tem fechos.

Amo e glorifico o vosso bello e querido Portu-
gal. E livre: é, pois, grande.

Portugal aboliu a pena de morte. Consumar esse
progresso, é dar um grande passo na civilização.
De hoje em diante, Portugal está á frente da
Europa.

Vós, portuguezes, não deixastes de ser navega-
dores intrepidissimos. Fostes na vanguarda, outr'ora
no Oceano, agora na verdade. Proclamar princí-
pios, ainda é mais bello que descobrir mundos.

Grito: Gloria a Portugal; e a vós: Felicidade!
Aperto a vossa cordal mão.

Victor Hugo.

A TOURGUE

O viajante que ha quarenta annos, entrando na
floresta de Fougères, pelo lado de Laignelet, saísse
pelo lado de Parigné, tinha no limite d'esse pro-
fundo bosque, um encontro sinistro.

Ao sair da balsa achava bruscamente deante de
si a Tourgue.

Não a Tourgue viva, mas a Tourgue morta.
A Tourgue, enlameada, acutilhada, desmoronada,
desmantelada. A ruina é ao edificio, o que o phan-
tasma é ao homem. Não ha mais lugubre visões
que a Tourgue. O que se via defronte dos olhos
era uma enorme torre redonda, sombria ao canto
da floresta como um malfeitor. Essa torre, direita
sobre um pedaço de rochedo a pique, tinha quasi
o aspecto romano, tão correcta e solida era, tanto
n'essa massa robusta a idéa da dominação se jun-
tava a idéa da queda. E romana, juram que o era:
começada no seculo ix, fôra acabada no seculo xii
depois da terceira cruzada. O feitiço das suas aberturas
dizia a sua idade.

Chegava-se-lhe ao pé, galgava-se a rocha escar-
pada, avistava-se uma brecha, arriscava-se a en-
trar, e estava-se dentro — era vazio. Parecia o in-
terior de um clarim de pedra posto de pé sobre o
solo. De alto a baixo nenhum diaphragma; nem
tecto, nem sobrado, pedaços de abobada e de châ-
minés, nichos de canhões pequenos: em alturas
diversas, laços de arpees de granel, e alguns bar-
rotes transversaes, marcando os andares: sobre as
traves, excrementos das aves nocturnas, a muralha
collossal, quinze pés de espessura na base, e
doze no cume: aqui e allí, fundas buracas, que ti-
nham sido portas por onde se entreviam escadas
no interior tenebroso da parede.

O viajante que penetrasse allí, á noite, ouvia
gritar as corujas, os mochos, os sapos voadores, e
via sobre os pés, ruijes, pedras, reptis, e sobre a
cabeça, atravez uma cousa redonda e negra, que
era o alto da torre e que parecia a bocca de um
poço enorme, as estrelas.

Era da tradição do paiz, que nos andares su-
periores d'essa torre havia portas secretas, feitas,
como as portas dos tumulos dos reis de Judá, de
uma grossa pedra, girando sobre um gonzo, abrindo-se,
fechando-se e escondendo-se na parede; moda architet-
tural vinda dos Cruzados com a ogiva. Quando essas
portas estavam fechadas, era impossivel differençal-as,
tanto ellas se confundiam com as outras pedras da muralha.

Veem-se ainda hoje d'essas portas nas myste-
riosas cidades do Anti-Líbano, que escaparam ao
terramoto das doze cidades, no tempo de Tiberio.

(Do Noventa e Tres)

VICTOR HUGO.

ramos praticar, nos é que nos devemos penitenciar com grossas descomposturas, dizer mal da nossa vida, e sobretudo... dos nossos compatriotas!

Foi um desastre aquillo!...

Voltemos, ou, mais propriamente, falemos em fim da Exposição.

Apercebi já o velho sestro ensaiando as suas correcções e reservas.

Não tarda que se desboque.

— No fim de contas, diz elle gravemente, com quem que nos entendamos.

Não foi bem a Sociedade de Geographia que fez a Exposição: foi o governo.

E que esta estimavel abstracção se não desvaneça tambem, que, bem apuradas as coisas, quem fez a Exposição foi o sr. Pinheiro Chagas.

Mas é indispensavel attender a que o illustre ministro nada faria se não fosse o banco Ultramarino.

Será bom, em todo o caso, que este considere que sem o sr. Chamiço...

O qual havia de ver-se muito embaraçado, se não fosse o sr. Antonio de Castilho.

Que este, tambem, se a commissão o não tem nomeado, estava prompto: — não faria coisa alguma.

Teria graça, comtudo, a tal commissão, se não se lembrasse, — como *agora* se lembra perfeitamente o *indigena*, — de que quem lhe valeu foi o Jeronymo da Silva.

O qual, se não lhe põem á mão o Martinho da Silva...

E este mesmo...

Interminavel, esta serie dos *mas*, dos *quês*, dos *comtudo*, quando a questão é attenuar o louvor, regatear a justiça, amesquinhar o exito.

Ora a verdade é simplesmente que o exito se deve a todas estas entidades; é somma, e não parcella de todas estas forças, de todas estas vanta-



GENERAL FORTUNATO JOSÉ BARREIROS, EX-COMMANDANTE DA ESCOLA DO EXERCITO — FALLECIDO A 16 DE AGOSTO DE 1885
(Segundo uma photographia do Club Photographico Lisbonense)

des, de todas estas cabeças, de muitas ainda de que se fala pouco, ou de que não se fala até, — por exemplo, dos que reuniram productos; dos que os offereceram; dos que os expozeram; do Ferreira do Amaral, que preparara para a Sociedade de Geographia uma verdadeira exposição e que a reunia em Loanda, antes de saber que iriamos a Antuerpia; dos governadores de Cabo Verde, da Guiné, de S. Thomé, das respectivas commissões provinciales e locaes; do meu velho amigo o sr. Rodrigo Affonso Pequito, — d'este, por exemplo, ninguém falou ainda, — que durante uns poucos de mezes abancava todas as noites n'um pequeno gabinete da Sociedade, a verificar as facturas e as listas de productos, a dispor e prevenir todas estas pequenas coisas cuja somma é que faz as exposições...

Porque, emfim, as exposições não se fazem apenas com dinheiro, com palavras, com bellos officios trocados.

Finalmente, de uns poucos de empregados modestos, anonymos, — pouquissimos por signal, — que trabalharam a valer, noite e dia, na alfandega, na Sociedade, onde era necessario...

Foram todos esses, — cada qual como poudo, e todos com muita vontade, com uma grande dedicacção, cheia de emulações generosas, que fizeram a Exposição, que prepararam o exito, não para o guardar para si, não para se desvanecerem com elle, mas para o offerecer ao paiz, se fosse digno, brilhante, glorioso.

Que se o não fosse...

O caso foi previsto.

E claro que se a tentativa gorasse, se a empresa, apesar de todos os esforços e de todos os sacrificios, fosse um mallogro, se a Exposição fosse insignificante e o resultado passasse despercebido ou fosse desastrado... a Exposição seria apenas... um atrevimento inutil da Sociedade de Geographia de Lisboa. Ninguem havia de disputar-lh'a.

Não faltaria quem lh'a levasse a mal.

Mas foi a propria Sociedade que acautelou o caso; foi ella que previamente tratou de salvar o paiz, da hypothese de um mallogro inconveniente ou de um resultado perigoso.

Vejamos como isto se fez.

(Continua)

Luciano Cordeiro.

AS NOSSAS GRAVURAS

O GENERAL FORTUNATO JOSÉ BARREIROS

Nasceu este illustrado general na cidade de Elvas no dia 26 de março de 1797, sendo filho de outro general do mesmo nome, que era commandante de artilheria na praça d'Almeida, quando se deu a terrivel explosão que obrigou esta praça a

vos da Torre do Tombo (2) com quatro grossos volumes manuscritos, obra da madre Anna Maria do Amor Divino, para servir, diz ella, de supplemento e continuação ao *Tratado da antiga e curiosa fundação do mesmo convento*, composto pela madre Soror Leonor de S. João, que também fôra chronista, e destrinchára com louvavel perseverança as epochas remtas e obscuras do mosteiro em que professára, e onde, no dizer da sua continuadora, fôra modelo de virtudes bem averiguadas, ao revez de muitas outras, que, com o logg verem, tiveram o corpo no claustro e os espiritos a esvoaçar-lhes cá por fóra, em adoraveis tonterias proprias do sexo e das edades.

Impõe a nobreza obrigação, — affirma uma locução popular franceza — e a nossa madre Leonor de S. João, apezar de bem portugueza, por que fôra nascida em Lisboa, a 19 de outubro de 1569, como consta do ripanso de seu uso diario, que foi achado com outros livros no armario do côro do convento, não quiz destoar do seu fidalgo nascimento com acções menos dignas de sua prosapia, e por isso fôra nata e o beijinho das freiras suas contemporaneas.

Para que se não diga que escrevo de leve sobre assumpto tão grave, saib o leitor, se lhe faz conta saber isto p'ra alguma coisa, que D. Leonor de S. João foi filha de D. Rodrigo de Castro Barreto, e de D. Leonor Pinheiro de Lacerda, e bisneta de D. Rodrigo de Castro Ferrão, irmão do duque de Gandia, casada com o duque D. Francisco de Borja, que depois foi padre da Companhia de Je-

sus, e sempre subindo de postos, chegou a dar entrada no Flos Sanctorum, com applauso do mundo catholico.

Ter um santo na familia não é uma trivialidade qualquer, e foi por isso de certo que Soror Leonor de S. João caprichou sempre em honrar a memoria de seu bisavô, com praticas de muita santidade, e larga e sorna escripta de coisas muito devotas, com que fazia figas ao demo, gastando vinte e quatro annos em escrever o *Tratado da antiga e curiosa fundação do convento de Jesus de Setubal*, que tanto vac de 1620 em que lhe deu principio, até 1644 em que o terminou, dando noticia da restauração de Portugal e da aclamação de D. João IV, no capitulo vigessimo, e ultimo, da sua chronica, allianço assim o patriotismo ás demais boas prendas de que foi dotada.

Como á primeira vista pôde parecer que a clausura de Setubal se vifam, mais do que é permitido á humildade christã, com a ascendencia da madre Leonor de S. João, a chronista sua continuadora l'nga um pouco ao desdem os braços dos duques de Gandia, dizendo *não ser raro terem entrada para aquelle convento noviças muito chegadas a sangue real*, picuinha com que parece dar de barato os pergaminhos com que Soror Leonor de S. João poderia em vida entufar-se, se por acaso tivesse sido mulher para confundir o oiropel das vaidades humanas, com o oiropel de leis das aspirações celestias.

Foi o convento de Setubal fundado em 1496, e por esta remota data se pôde conjecturar o improbo trabalho que teria Soror Leonor de S. João para remontar as suas pesquisas historicas setenta e tres annos atraz do seu proprio nascimento, desprovida dos necessarios elementos para apurar alguns factos de menos notariade, porque, pelo que respeita ás genealogias das freiras teve ella por si os livros dos noviçados e dos obitos, manancial de que depois se aproveitou fartamente Soror Anna Maria do Amor Divino, legando-nos subsidios importantes, que d'aqui recommendamos aos escriptores dos filhamentos para enfeitar futuros aspirantes á carta de fidalgos cavalleiros.

Algumas vezes pois sincou a madre Leonor de S. João, menos truncando, do que occultando ditas, lapsos de que a accusa a sua continuadora, mas perdoando-lh'os, como era de razão e de justiça de uma para outra serva de Deus.

Formaram um grande circulo, de sorte que não deixassem por vigiar uma unica das muitas aberturas da gruta, e introduziram para uma d'ellas grandes porções de palha incendiada, afim de obrigar os que se achavam encerrados lá dentro a procurar uma sahida, que elle bem sabia não poder ser outra senão a que encontrára tapada com pedra solta e saibro.

Este strategema sortiu o resultado desejado. Os ciganos, entre a morte pela asphyxia e o risco de cair nas mãos dos que os perseguiram, optaram pelo segundo caso, e em um momento elles inutilisaram a sua obra e se submeteram á acção da lei.

Foram presos todos á proporção que iam apparecendo.

O *Frade* contava-os um a um, e nomeava-os pelos seus nomes, mas n'uma grande inquietação, sempre crescente; já haviam sahido todos e ainda elle teimava que faltava muita gente.

Não encontrára os quatro companheiros da noite, e sobretudo o homem do fato de pelles e a cigana.

Desceu á caverna, seguido de alguns troços da gente que se havia aggregado á diligencia, e depois do mais minucioso exame concluiu que effectivamente o homem de fato de pelles havia sido mais esperto do que elle.

Montou a cavallo e deitou pela campina fóra em correria desorientada. Alguns soldados que o seguiam perguntavam a si mesmo se o general os terja posto ás ordens de um louco.

As vezes parava de repente, surprehendido por algum ligeiro movimento da ramagem ou pelo murmurio monotonico de algum regato que corria proximo e que aos seus ouvidos produzia o effeito triste de um queixume amargo.

N'outras era surprehendido por visões extraordinarias.

Um grande castanheiro isolado, e a distancia, transformava-se aos seus olhos n'um vulto sinistro.

Voltava-se então para os que o seguiam e mandava avançar, bradando:

— Rende-te ou morres.

Depois aproximava-se irado, e a realidade fazia-o enraivecer ainda mais, como se deveras elle andasse a esgrimir com a propria sombra, qual outro heroe de Cervantes.

— Ondina, Ondina, clamava então com desespero.

— Sabes que me pertences e que é inutil tentar fugir porque estás nas minhas mãos.

Ondina expediu um grito e elle poz-lhe sobre os labios a sua mão collosal.

— Cala-te, cala-te!

Tornava-se cada vez mais critica a situação. Ouvia-se já a pouca distancia o ruido das vozes, de sorte que se podia perceber optimamente uma ou outra phrase solta.

— Não vê que estamos cercados por todos os lados?

— E regosijas-te, cuidando estar proximo o momento de receber o preço da tua traição?

— Mentas. Eu não atraioei ninguém. Não vêes que nos vamos entregar aos nossos inimigos, que estamos perdidos, que...

— Não, não! rugiu exaltado ao extremo o feroz cigano. Eu só te vejo a ti n'este momento. Olha bem para mim. Contempla-me.

E cada vez a apertava com maior violencia, de uma maneira febril, cheio de grande irritação.

Inquieta, Ondina, debatia-se, fazendo grandes esforços por se lhe escapar dos braços que a magoavam, como se a estivessem apertando em um torno de ferro.

— Não apertes tanto, supplicava, deixa-me.

— Sim, heide deixar-te, mas não é já. Temos ainda alguns momentos que nos pertencem. Escuta.

Do lado da caverna, a distancia já do sitio em que se encontravam, começava a notar-se no horizonte uma côr rubra, que pouco a pouco se foi alastrando.

O cigano, sem largar nunca a sua presa, e fectando-a com o seu olhar vulcanico, ia proseguir, mas deteve-se.

Aquelle signal do céu attrahira-lhe a attenção. De repente, porém, soltou um grito de raiva. Tinha adivinhado tudo!

A chamma destacava-se agora do escuro, elevando-se em espiraes caprichosas, serpenteando nos espaços, como viboras de fogo, a sua extensa cauda luminosa.

Os dentes do cigano rangiam-lhe em contrações nervosas.

A gruta estava sendo atacada n'esse momento pelas tropas que o governador das armas pozera á disposição do *Frade*.

Como é sabido, fóra elle quem dera o plano e dirigia o ataque.

Vamos nós agora vêr como a madre Anna Maria do Amor Divino se tirou a limpo da empreitada que tomou de escrever os quatro grossos volumes, que eu tive a fortuna de desencantar, para gloria d'ella, e para que pouco a pouco se vá sabendo o que foram freiras, não todas, mas muitas, das que queriam o coração não só para amar a Deus, mas também o proximo como a si mesmas.

Na deprecação ao principe D. Theodosio, que antecede a *Arte de furtar*, escreveu o padre Antonio Vieira, curando-se em saude dos reparos da critica: *dirão que falo picante ou lepido, isso é o que pretendo para adoçar por todas as vias o desagradado da materia*. Eu repito o que disse o jesuita, não para adoçar o desagradado da materia, que esta é de si jovial, mas para me furtar a cair nas somnolencias do estylo freiratico, como pôde acontecer, sem dar por isso, a quem de freiras anda tratando, e escrevendo.

(Continúa) L. A. Palmeirim.

RESENHA NOTICIOSA

LEILÃO TRANSFERIDO. Foi annunciado que ficava transferido para o dia 5 de novembro futuro, o leilão da livraria do fallecido dr. João Vieira Pinto, cujo catalogo se acha nas mãos de todos Bom fóra que este intervallo fosse aproveitado em procurar uma certa ordem áquelle informe trabalho, desigual e cahotico, para cuja regularisação não basta a memoria mais feliz e tenaz.

O PRINCEPE DE MONACO. Anda ha tempos em viagem scientifica e ao mesmo tempo de distracção este illustre personagem, a bordo da sua escuna *Hirondelle*, de que é o proprio commandante. Tem com esses dois fins aportado a algumas ilhas dos Açores, como Terceira, Flores, Fayal, Graciosa, S. Miguel, etc., desembarcando e visitando as curiosidades mais notaveis que n'ellas se encontram, e que já por elle haviam sido visitadas, na sua primeira viagem, em 1879. D'esta vez o illustrado principe, que vem acompanhado de elementos artisticos e scientificos, tem feito tirar varias vistas photographicas d'essas localidades. Isto deve instigar os photographos dos Açores a fazerem o mesmo. O principe seguirá para o Gol-

O echo repercutia lá ao fim pela cumiada dos montes, em uma extensão infinita, aquelle nome que resumia um poema e era para elle n'esse momento o objecto de todas as suas cogitações.

N'isto como ouvissem a pouca distancia um tiro, metteram immediatamente a galope na direcção d'onde elle partira. Mal havia dado, porém, uma duzia de passos, o cavallo em que o *Frade* montava parou de subito, dando um violento impulso para traz, de sorte que ia cuspiendo da sella o cavalleiro.

Ao mesmo tempo ouviu-se um gemido prolongado, mas tão fraco e tão proximo que parecia arrancado das entranhas da terra.

De um pulo saltou em terra immediatamente e curvou-se como quem procura algum objecto, tateando com as mãos, porque a escuridão era enorme.

Não teve muito trabalho. Logo no mesmo instante deparou com um vulto estranho estendido por terra, como que estorcendo-se na agonia deradeira.

— Olá, camaradas, disse elle para os soldados, ajudem cá.

E, enquanto se dispunham a obedecer a esta ordem, approximava-se d'aquelle vulto que tanto prendia agora a sua attenção, a fim de o reconhecer mais de perto.

Quem quer que fosse parecia afflictissimo, porque se debatia em contracções horribes, revolvendo-se sobre a terra como um reptil e soltando uns grunhidos ventriloquos e medonhos.

— Eh! lá, amigo, então que é isso? Chumbaram-n'o bem!

Mas n'isto pareceu reconhecê-lo. Deu um pulo para traz, como quem se não considera seguro e exclamou admiradamente:

— Olha, quem elle é?

E voltando-se para os soldados, que se haviam aproximado, disse-lhes:

— Levantem esse homem.

Foi obedecido no mesmo instante.

O *Frade* aproximou-se então, encarou-o com a maior confiança e disse:

— Já não fazes mal a ninguém.

Era o homem de fato de pelles

(Continúa)

Leite Bastos.

pho, para fazer collecção de insectos microscopicos da superficie das aguas, que se encontram n'aquellas paragens, e atravessando a corrente, lançará de espaço a espaço cartas que indiquem a posição em que foram lançadas. As cartas serão escriptas em dez ou doze idiomas, mettidas em tubos de vidro e estes encerrados em esferas de cobre, e n'ellas se pede aos achadores para communicarem a certa estação o ponto e data em que foram encontradas. Tem isto por fim poder determinar-se a direcção e a corrente da agua. Em S. Miguel offereceu a bordo do seu navio um *lunch* aos usados viajantes srs. conde da Silva e barão de Fonte Bella (Jacintho), e por este ultimo foi offerecido outro a Sua Alteza na sua opulenta propriedade do Botelho.

O ARCHITECTO DONALDSON. Falleceu em Londres, com 90 annos o notavel architecto Thomaz Leveston Donaldson, decano dos architectos inglezes. Construiu entre outros monumentos a grande Bolsa de Londres, o templo da Victoria e o monumento do principe Alberto. Deixa duas obras importantes: *Pompeia e Collecção de Portas e Fachadas dos Antigos Monumentos da Grecia e da Italia*, com desenhos feitos por elle.

FALLECIMIENTOS. Finou-se no dia 6 de agosto o general de divisão, reformado, Joaquim Antonio de Araujo Pessoa, que havia nascido no Algarve a 13 de fevereiro de 1813. Assentára praça em 1833 no Porto a 12 de abril como aspirante a official; foi em 1838 promovido a alferes, e seguindo os varios postos, foi finalmente promovido a coronel a 16 de maio de 1874, sendo, quando se reformou em 1881, commandante do batalhão de caçadores n.º 5. Tambem no dia 27 succumbiu o marechal de campo, reformado, Francisco de Mello Baracho, commandante do Asylo dos Invalidos de Runa. Fôra um bravo militar, e além de ser ainda dos que batalharam na Terceira e no Porto em prol da liberdade, e em cujas lides foi uma vez gravemente ferido; era um dos pouquissimos sobreviventes da campanha de Montevidéu e Rio da Prata. Havia trinta annos que se achava reformado, e tinha sido promovido a alferes em 1818. Falleceu com cerca de 90 annos.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

SYNOPSIS DOS TRABALHOS DA CAMARA DOS DIGNOS PARES DO REINO, na legislatura de 2 de janeiro de 1882 a 17 de maio de 1884. Lisboa, Imprensa Nacional, folio de 86 pag. A importancia d'este trabalho que é como que um indice para aquelles que queiram saber de prompto como e quando se tomaram taes e taes resoluções. E este opusculo dividido em quinze partes, que são outros tantos mappas, contendo a 1.ª as actas das sessões reaes, a 2.ª as cartas regias de nomeação dos vice-presidentes e presidentes supplementares; a 3.ª os discursos da coroa; a 4.ª os projectos de lei da camara dos deputados reduzidos a decretos e submettidos á sancção real; a 5.ª os projectos da mesma camara devolvidos pela dos pares com alterações que aquella approvou; a 6.ª os que a dos pares rejeitou; a 7.ª os que foram devolvidos por terem caducado; a 8.ª os projectos de lei da camara dos pares reduzidos a decreto e submettidos á sancção real pela dos deputados; a 9.ª os projectos da camara dos pares devolvidos com alterações pela dos deputados, com que a primeira se conformou; a 10.ª os projectos de lei da camara dos pares que ficaram prejudicados; a 11.ª os projectos da mesma camara e que n'ella caducaram; a 12.ª os pareceres das comissões; a 13.ª requerimentos, notas de interpellação, noções e propostas dos pares e ministros; a 14.ª decretos reaes e a 15.ª resoluções da camara da mesa e da commissão administrativa. — A simples indicação d'estes mappas mostra a importancia e utilidade d'esta publicação, e a proficiencia e cuidado com que está feito, devido ao muito zelo do habil official da camara dos pares o sr. Manuel Cypriano da Costa Freire, coadjuvado pelos mais empregados d'ella.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... David Corazzi, editor. Empreza Horas Romanticas, Lis-



UM BOVO DO CACONGO (Segundo uma photographia de Moraes)

boa, rua da Atalaya, 52. Filial no Brazil: 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro. — Publicaram-se com a regularidade usual dois fasciculos d'esta já vasta encyclopedia: n.º 110, *Metallurgia*, por João Maria Jalles, capitão de artilheria, e *Manual do ferreiro*, por D. Antonio José de Mello, alferes de cavallaria; ambos os fasciculos são illustrados com gravuras.

REVISTA DE GUIMARÃES. Publicação da Sociedade Martins-Sarmiento, promotora da instrucção popular no concelho de Guimarães. Vol. II, n.º 3. Julho-1885. — Porto, typ. de A. J. da S. Teixeira, rua da Cancellia Velha, 70. — Comprehende este fasciculo: *Notas para a historia dos hospitaes de Guimarães*, por J. de Meira; *Apontamentos sobre a alimentação das especies pecuarias no Minho*, por J. C. da Motta Prego; *Gaspar Estação de Brito 1567-1626*, por D. Leite de Castro; *A Capella de Sant'Anna e as ossadas apparecidas na travessa do mesmo nome*, pelo padre Abilio de Passos; *Boletim*, pelo secretario Adolpho Salazar; *Balancetes*, pelo thesoureiro Eduardo Almeida. Tem interesse e curiosidade os artigos publicados n'esta Revista.

REVISTA DE ESTUDOS LIVRES. Directores litterario-cientificos: em Portugal, dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos; no Brazil, drs. Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Argymiro Galvão. — Nova livraria Internacional, Lisboa, rua do Arsenal, 96. 1885. — Publicou-se o n.º 4 do 3.º anno, relativo a junho ultimo, e contém: *A cholera em Valencia e o systema de prophylaxia anti-cholericica do dr. Jaime Ferran y Chia*, por Philomeno da Camara Mello Cabral, etc. Como se sabe o dr. Philomeno foi um dos medicos commissionedos pelo governo portuguez, para ir a Valencia estudar a epidemia e a prophylaxia preconizada do dr. Ferran; ainda de Valencia dirigiu tres correspondencias para a *Coimbra Medica*, agora depois do largo relatório que a commissão apresentou, e foi publicado na folha official, o illustre professor da Universidade congloba no seu estudo todas as noticias relativas á epidemia que grassa no paiz visinho, comparando-a com as anteriores, analysa o processo Ferran com toda a imparcialidade, e apresenta umas indicações de prophylaxia individual e collectiva. É digno de attenção este trabalho.

A RUA DA AMARGURA, por D. Manuel Juan Diana, traducção livre; Joaquim Antunes Leitão, editor, Porto. Volume 1 d'este romance, pertencente á collecção da *Bibliotheca do Cura de Aldeia*, e premiado pela Academia Hespanhola. Para os que conhecem a boa escolha dos romances publicados por esta antiga bibliotheca, escusado é recomendar esta obra, como um romance moral que pôde ser lido pelos mais meticulosos, um romance de familia, que deleita e não perverte, ainda que este predicado não é hoje o que mais se recommenda para os que só procuram na leitura o escandalo e a nudez desbragada das pustulas sociaes.

NOÇÕES GERAES DE GEOGRAPHIA E CHRONOLOGIA E CHOROGRAPHIA PORTUGUEZA, etc., por Carlos Augusto dos Santos Affonso, etc. Imprensa da Escola dos Surdos Mudos, editora, Porto. Este livro é especialmente dedicado ás escolas primarias e feito segundo os programmas officiaes. É dos mais completos que conhecemos, no seu genero, e de grande vantagem para o estudo, peccando mais por exuberancia do que por deficiencia, se attendermos que a maioria dos estudantes são creanças, a quem não é facil reter na memoria certas minuciosidades, que podem prejudicar as idéas geraes e elementares.

MOMENTANEAS, por Nuno Rangel, Porto, 1885. Um elegante volume de versos que é ao mesmo tempo uma estreia sympathica. Os versos do sr. Nuno Rangel filiam-se na escola de João de Deus. A sua lyra tange mais fortemente as doces cordas do amor, não tem peçonha e discorre n'um idyllo quasi pastoril pelas 104 paginas do mimoso livrinho.

CHRISTOVÃO COLOMBO, 14.º volume pertencente ás *Biographias de Homens Celebres dos Tempos Antigos e Modernos*, publicado pela casa editora David Corazzi. Esta collecção de livrinhos é muito elegante e muito economica, divulgando as biographias dos homens a quem a humanidade mais deve pelos progressos que lhe promoveram.

ESTATISTICA DO PARIATO PORTUGUEZ, desde a sua fundação até 31 de dezembro de 1884. — Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1885; fol. ou 4.º max. de vi — 53 pag. — Esta estatistica foi pela primeira vez elaborada, ha annos, pelo sr. Manuel Cypriano da Costa Freire, empregado na camara dos pares, com improbo trabalho, porque, como diz Garrett da sua chronica de D. Pedro IV, andava já mais embarçada do que a historia dos primeiros tempos da monarchia. Effectivamente assim o devia ser, mas levantados os primeiros alicerces, tornou-se depois o encargo menos pesado de futuro. Reformado agora pelo sr. Alegre, augmentado com alguns mappas elucidativos novos, e corrigido de alguns erros vae-se approximando da perfeição que nos parece não estar longe de ser attingida. É um grande elemento de historia, e muito interessante, nomeadamente, para a avaliação dos homens e do periodo agitado de 1828 a 1833.

AVISO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido gratis a todos os srs. assignantes e correspondentes um supplemento

A Victor Hugo

Este supplemento custa avulso 400 rs. e com o jornal 500 réis, o jornal só 120 réis.

Todas as pessoas que tomarem assignatura por um anno recebem este supplemento gratis e os mais que se publicarem durante o anno.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typ. ELZEVIANA. — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.